



EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VICENTE DE CARVALHO

(da Academia Brasileira)

P O E M A S
E **C** A N Ç Õ E S

SEGUNDA
EDIÇÃO



LIVRARIA CHARDRON
DE CECILIO & IRMÃO, Editores
Rua das Carmelitas, 114
Porto—1909

LIVRARIA BRASÍLIA

Rua da Misericórdia, 79

TeL. 2 0320 — LISBOA

No 872

de Adolpho Portella

off.

creditas

Poemas e Canções

DO MESMO AUTOR

VERSOS DA MOCIDADE, Ardentias (1886), Relicario (1888), Diversos (1889-1891) 1 vol.

EM PREPARAÇÃO

Antologia dos modernos poetas brasileiros.

Sonho que surge como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto
Lhe atire uma semente.



Vicente de Carvalho

VICENTE DE CARVALHO

(Da Academia Brasileira)

Poemas e Canções

(SEGUNDA EDIÇÃO)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144

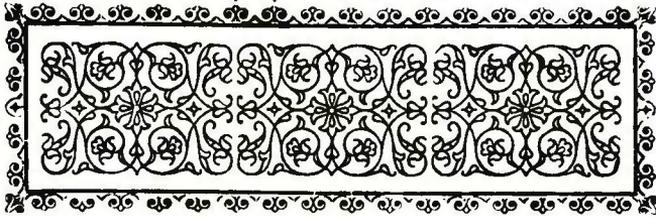
1909

O *accordo* assignado no Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas *Bibliothecas Nacionaes*, de Lisboa e Rio de Janeiro.

Imprensa Moderna—Porto

Grande-Premio na Exposição de Rio de Janeiro de 1908



ANTES DOS VERSOS

Aos que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decizivo nesta profissão de numeros e diagramas. E' illusorio o rigorismo matematico imposto pelo criterio vulgar ás formas irreductiveis da verdade. Baste atender-se em que o objetivo das nossas vistas teoricas está no descobrir uma simplicidade que não existe na natureza; e que desta nos abeiramos, sempre indecizos, já tacteantes, por meio de aproximações sucessivas, já precipitadamente, fascinados pela miragem das hipoteses. A propria unidade das nossas mais abstractas construções é enganadora. Nos ultimos trinta anos --- nesta matematica tão, ao parecer, definitiva — ideiaram-se não sei quantas algebras, atravez de complicados simbolismos; e o numero de geometrias

elementares, como nol-o mostra H. Poincaré, é hoje, logicamente, incalculavel. Ainda mais: na mesma geometria classica sabe-se como se definem pontos, rectas e planos, que não existem, ou se reduzem a conceitos pre-estabelecidos sobre que se formulam postulados arbitrarios. Continuando: vemos a mecanica basear-se, paradoxalmente, no principio da inercia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradição com tudo quanto vemos e sentimos.

Dest'arte se constróe uma natureza ideal sobre a natureza tangivel. Ilude-se a nossa incompetencia para abranger a simultaneidade do que aparece, por meio de processos varios nos nomes pretenciozos, mas na essencia perfeitamente artisticos, porque consistem em exagerar os caracteres dominantes dos factos, de modo a facultar-nos uma sintese, mostrando-nol-os menos como elles são do que como deveram ser. Assim nós vamos — idealizando, conjecturando, devaneando. Na astronomia resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto á medida que ella encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecizos das nebulozas, vendo abrir-se em cada estrela incandescente um vasto laboratorio onde trabalham os chimicos da terra descobrindo surpreendentes

aspectos da materia... Proseguimos, idealizando flagrantemente a fisica, com a estructura subjectiva de sólidos e fluidos perfeitos, e sistemas isolados, e até singularísimos fios inextensíveis, de todo em todo inexistentes; e romanceando a chimica, definida pelo simbolismo imaginoso da architectura atomica de seus corpos simples. irreales.

Até que na fisico-chimica, recém instituida e já intensamente iluminada pela percepção transubstancial dos raios X, admitamos todas as utopias do mysticismo transcendental dos alchimistas, e não nos maravilhemos de que os pensadores mais robustos estonteiem e delirem como fakirs esmaniados, vendo, improvizamente, resplandecer no radium a alma misterioza da materia...

Assim nos andamos nós — do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpetua das duvidas, sem que se possa diferenciar na obscura zona neutral alongada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que taceia o misterio.

Apeamo-nos então, acobardados, dessas presumptuosas cogitações. Encouchamo-nos, tímidos, no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralizamos razamente a vida, evitando a grande embriaguez dionisica da Vida.

Renuimos ás fantasias perigozas: utilitarizamo-nos... E ao cabo de tamanho esforço, para descermos até ao fastigio do massiço senso comum conservador e timorato — vemos com espanto, que mesmo no terra á terra da actividade profissional, todas as asperezas das nossas formulas empiricas e os traços rigorosos dos tira-linhas ainda se nos sobreoiram de um recalitrante idealismo.

No pedaço de carvão de pedra, que acendemos na fornalha de uma locomotiva, reacendemos muitos raios de sol extinctos ha milenios. A locomotiva parte, e não concretiza apenas o mito poético de Faetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força, renascendo e restaurando ao mesmo passo os esplendores de tantas auroras apagadas...

Pelas vigas metalicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as «curvas dos momentos», que nos embridam as fragilidades traiçoeiras do ferro. E ninguem as vê, porque são ideaes. Calculamol-as; medimol-as; dezenhamol-as — e não existem...

E assim por diante — indefinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda quando lançados na trilha heroica da profissão vamos pulsear no dezerto as dificuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos ser-

tões em fóra, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céos, contrafazendo a lyra, que elles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silencioza das esferas, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existencia,

... a ouvir estrellas!

Vôde quanto é falso o prejuizo da esterilidade das couzas positivas. Em pleno criterio determinista somos talvez mais sonhadores do que nos tempos em que ao ingenuo finalismo teologico bastavam duas silabas para descrever as maravilhas da Creação. Numa intimidade mais profunda com o mundo exterior, a nossa idealização augmenta de um modo quazi mecanico. Estira-se-nos na visão deslumbrada. Alarga-se-nos nos novos quadros reveladores das imagens infinitas da natureza. E á medida que se nos torna mais claro o sentimento das energias creadoras que nos circulam, e vai eliminando-se do nosso espirito o velho espantallo da *discordia dos elementos*, de que tanto se apraziam os deuses vagabundos, e nos sentimos mais equilibrados, mais fortes, mais solidarios com a harmonia natural — maior

se torna a fonte inspiradora do nosso idealismo fortalecido por impressões mais dignas da magestade da vida.

Se tivéssemos duvidas a este respeito, nol-as dissiparia o proprio spectaculo da ultima fase revolucionaria da poezia contemporanea, caracterizada pelo contraste entre a decadencia dos que a falseiam e a expansão crescente do sentimento estetico da humanidade. Realmente, o que se afigura a tantos profetas agourentos a morte proxima da poezia, é a demonstração *ad absurdum* da sua vitalidade mais ampla. Troca-se o efeito pela causa. Nas varias escolas esporadicas — que vão do parnazianismo, com a idiotice de seu culto fetichista da forma, ao simbolismo, com a loucura de suas idéas exageradamente subjectivas — o que parece a decadencia da poezia é apenas o dezechilibrio e as emoções falsificadas dos que não podem mais comprehendel-a na altitude a que chegou o nosso pensamento. Considerando-se, de relance, apenas um dos extremos dessa longa cadeia de agitados — não seria difficil mostrar no desvio ideativo de Mallarmé, ou Verlaine, como outr'ora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfalecidos de todos os fracos irritaveis, reconhecendo-se inaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das sciencias naturaes, interpretadas pelo evolucionismo, reage

sobre tudo e tudo transfigura, desde a ordem politica, onde se instaura o predominio economico dos povos mais activos, glorificados na inspiração prodigiosa de Rudyard Kipling, até á filosofia moral, onde se alevanta a aristocracia definitiva do homem forte, lobrigado pela vizão estonteadora do genio de Frederico Nietsche. Então veriamos, não grado as blasfemias de tanto verso convulsivo, como um falso scepticismo pode significar a ultima tentativa da retrograda explicação deista do universo. Os «poetas malditos», que nos fazem rir com o truanesco de suas vizagens, são apenas ignorantes. A descrença nasce-lhes da inviabilidade da crença. São almas velhas onde se acumulam as influencias ancestraes mantidas pela hereditariedade; e ainda quando se fingem de demonios agitam-nos aos olhos o espectro da antiga fé agonizante. E falam-nos naturalmente numa lingua morta, de retardatarios, em estrofes onde os traços de degenerescencia rezultam sobretudo da incompatibilidade com os novos ideaes.

Bandelaire, entre os desconchavos de seu barbaro misticismo, teve, certa vez, um lance genial, ao definir-se

... un cimetière,
Où, comme des remords, se traient des longs vers...

Simbolo perfeito dessas organizações retrogradadas, de *revenants*, a resuscitarem num periodo avantajado da existencia humana e para logo invadidos do desespero de já não sentirem o amparo das antigas verdades absolutas, que os alentavam outr'ora, nos remotos tempos de onde saltam por atavismo — claudicantes no ritmo dos versos — para nos entristecerem com as suas queixas de almas doentes da nostalgia do sobrenatural. Porque o quadro que defrontam é outro. Encontram os céos mais azues, depois das induções de Tyndall; a terra mais vivaz, depois das generalizações de Lyell, evoluindo e transfigurando-se como um maravilhoso organismo. Para abarcar a vida, ou realizar a sintese de seus aspectos, já não basta o extazis, ou a genuflexão admirativa, senão a solidariedade de suas leis com a nossa harmonia moral, de modo que, submetidos á unidade do universo, sejamos cada vez mais a propria miniatura delle, e possamos traduzil-o sem falsificá-lo, embora o envolvamos nos véus simbolicos da mais ardente fantazia. «Nesta altura todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é — isoladamente — artista, poeta, sabio ou filosofo. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é integra». ¹

¹ P. Van Thiegem. *Le sentiment de la nature*.

A frase é de um naturalista. Mas vê-se que ela reproduz, hoje, transcorrido um seculo de actividade intelectual, quasi literalmente, o idealismo filosofico de Ficht. E' compreensivel. E dela se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangivel e a fantazia creadora, o poeta, continuamente mais proximo do pensador, vai cada vez mais reflectindo no ritmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza.

*

* *

Ora, o que para logo se destaca nos «Poemas e Canções», alentando o subjectivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como elle é, positivamente: um caso particular da simpatia universal. E tal como nol-o apresenta

*... rizonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente*

diz-nos bem que na sua forma comum, fisiologica e rudimentar, de um egoismo a dois, ele não lhe traduz uma condição primaria do sentimento, es-

cravo de uma preocupação morbida e humilhante, senão um belo pretexto para resumir num objecto, em harmonizo sincretismo, os atributos encantadores da vida. O poeta diviniza a mulher, como o estatuário diviniza um pedaço de mármore: pela necessidade anciosissima de uma synthese do maior numero possivel de belezas infinitas que lhe tumultuam em torno. Neste lance poderiamos aplicar-lhe a frase pinturesca de Stanchwith: «Não podendo apertar a mão desse gigante que se chama Universo, nem dar um beijo apaixonado na Natureza, resume-os num exemplar da humanidade».

Por isto mesmo não se apouca limitando-se a essa redução graciosa. Para aformozear o seu simbolo, dá largas á expansão centrifuga da individualidade transbordante. E em tanta maneira se lhe impõem as escapadas para a amplitude do mundo objectivo, onde se lhe deparam as melhores imagens e as mais radiosas alegorias, que nos diz em alexandrinos correntios o que hoje lemos em paginas austeras de gravissimos psico-fiziologistas, quando atribue todo o seu culto

A' doce Religião da Natureza amiga,

a uma alma remota que as energias profundas do atavismo lhe despertam, predispondo-o ao nomadismo aventureiro de algum avô selvagem

*Algum bugre feroz, cujo corpo bronzado
Mantinha a liberdade inata da nudez.*

Ao contrario, eu penso que alma antiga não sentiria esta atracção da grande natureza, que domina a poesia moderna. Entre a concepção estreitamente classica da vida rustica, das *Georgicas*, e o nosso esplendido lirismo naturalista ha differenças tão flagrantes que fôra inutil indicá-las. O movimento actual para os grandes quadros objectivos, á parte outras cauzas mais profundas, desponha-nos como uma reacção do nosso sentimento, a crescer, paralelamente, com o proprio rigorismo pratico da vida. Esse fugir ao racionalismo seco das cidades, que até geometricamente se nos dezenha nas ruas rectangulares, nos quadrados das praças, nos angulos diedros das esquinhas, nas piramides dos tectos, nos poliedros das casas, nos paralelepipedos dos calçamentos e nas elipses dos canteiros, onde é tudo claro, matematico, comprehensivel, e as inteligencias se nivelam na evidencia de tudo, e as vistas se fatigam na repelição das formas e das côres, e os ouvidos se fatigam no martelar monotono dos sons, e a alma se fatiga na invariabilidade das impressões e dos motivos — vai-se torritando a mais e mais imperiozo, á medida que a civilisação, progride. O povo mais, pratico e

mais lucido do mundo, é o que por ele mais irradiava á caça do pinturesco. Não ha neste momento em Chamounnix ou num rincão qualquer da Africa Central, nenhuma pagina vigorosa da natureza onde se não veja, rijamente impertigado, um ponto de admiração: o inglez !

Alem disto, só o pensamento actual pode animar a alma misterioza das couzas, num consorcio, que é a definição da verdadeira arte. O nosso selvagem

*Que dormia tranquilo um somno descuidado,
Passivo, indifferente, enjarado talvez,
Sob o misterio azul do céu todo cstrelado*

passaria mil annos sobre a Serra do Mar

*Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite...*

indifferente e inutil.

Para nol-a deflnir, e nol-a agitar sem abandonar a realidade, mostrando-nol-a vivamente monstruozza, a arrear-se, a torcer-se nas anticlinaes, encolhendo-se nos vales, tombando nos grotões, ou escalando as alturas nos arrancos dos pinaros arremessados, requer-se a intuição superior de um poeta capaz de ampliar, sem a deformar, uma

verdade rijamente geologica, reflectindo num minuto a marcha milenaria das causas geotectonicas que a explicam. Vemol-a na esculptura destes versos.

*Na sombra em confuzão do mato farfalhanle
 Tumultuando, o chão corre ds soltas, sem rumo.
 Trepá agora alcanlis por escarpas a prumo,
 Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
 Mais repouzado, além, levemente se enruga
 Na crespá ondulação de comoros macios;
 Resvala num declive; e logo, como em fuga
 Precipite, atravez da escuridão nocturna,
 Despenha-se de chofre ao vacuo de uma furna.
 Do fundo dos grotões outra vez se subleva.
 Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente,
 Furioza, em convulsões, vai rolando na treva
 Despedaçadamente e indefinidamente.*

E' a realidade maior—vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foge, e se crispa, e cai, e se alevanta, é o mesmo chão que o geologo denomina «solo perturbado» e inspira á raza, á modesta, á chanissima topografia, a metáfora garbosa dos «movimentos do terreno».

A mesma harmonia de sua vizão interior com o mundo externo rebrilha, quando o poeta observa que o mar

... brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flôr.

Debalde a terra em flôr, com o fito
De lhe escapar, se esconde, e aneia
Atraz de comoros de areia
È de penhascos de granito.

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nús e rochas núas...

Idealização... Mas, evidentemente quem quer que se alarme ante este mar perseguidor e esta terra profuga, riscará os melhores capitulos da geologia dinamica. E os que fecharem as vistas á esplendida imagem daquella matilha de maretas, certo, não poderão contemplar a «artilharia» de seixos e graieiros, do illustre Playfair, a bombardear arribas, desmontando-as, disjungindo-as, solapando-as, derruindo-as, e esfarelado-as—seguida logo da «cavalaria das vagas» de Granville Cole, a curvetear nos rolos das ondulações

banzeiras, a empinar-se nas ondas desbridadas, a entrechocar-se nas arrebentações, a torvelinbar no entrevero dos redomoinhos; e de subito disparando — longos penachos brancos dos elmos rebrilhantes destendidos na diluição das espumas — numa carga, em linha, violentissima, sobre os litoraes desmantelados; de modo que o litoral desmantelado se nos apresente.

like a regiment overwhelmed by cavalry. ¹

Considerai: esta frase, que se desenranha da arida proza de um livro didactico, resôa, refulge, canta. E' um verso. Prende o sonhador e o scienlista deante da idealização langivel de um expressivo gesto da natureza.

Mais longe, quando o poeta escuta a grande voz do mar, «quebrada de onda em onda», fazendo á lua uma declaração de amôr, que seria apenas um ridiculo exagero panteista, se não fosse um pouco desse infinito amor que se chama gravitação universal; quando o mar exclama:

*Lua! Eu sou a paixão, eu sou a vida, eu te amo!
 Paíra, longe, no céo, desdenhoza rainha...
 Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que eu reclamo,
 Um dia serás minha...*

¹ Granville Cole — *Geology out-of-door.*

.....

*Ha mil anos que vivo a terra suprimindo,
Heide romper-lhe a crosta e cavar-lhe as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submergindo,
Submergindo montanhas...*

esta voz monstruozamente romantica, do mar, é a mesma voz de Geike, ou de Lapparent, e diz uma alta verdade de sciencia, deante do agente fisico cujo destino logico, pelo curso indefinido dos tempos, é o nivelamento da terra.

Tambem ao descrever-nos um recanto labirintico de nossas matas,

*Cem especies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante,*

e mostrando-nos que

*Acesa num furor de seiva transbordante
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvagens
Em batalha — a agitar cem fôrmas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida,*

e attentando-se no quanto á plethora tropical, ou uma sorte de congestão da seiva, alenta e ao mesmo passo sacrifica em nossa terra o desenvolvimento vegetativo, creando-se o tremendo paradoxo da floresta que mata a arvore, ou redul-a ao arbusculo que foge á compressão dos troncos

escapando-se na distenção esquiva do cipó, a des-
 librar-se e a estirar-se, angustiosamente, na pro-
 cura anciosissima da luz — avalia-se bem o brilho
 daquela sinlese comovente, embora seja ela ri-
 gorozamente positiva em todos os elementos de
 sua estrutura artistica.

Digamos, porém, desde logo, que em todo este
 lucido panteismo não são a floresta e a montanha
 que mais atraem o poeta. É o mar. A Vicente
 de Carvalho não lhe basta o pintar-nos

*... o mar creado ds sollas
 Na solidão, e cuja vida
 Corre, agitada e desabrida,
 Em turbilhões de ondas revollas...*

ou quando ele, tempesteiando,

*A uivar, â uivar dentro da sombra
 Nas fundas noutes da procela*

braceja com os ventos desabalados, e, recebendo
 de instante em instante a

culilada de um corisco,

rebela-se, e

*impando de ousadia
 Pragueja, insulta, desafia
 O céu, cuspindo-lhe a salsugem...*

Apraz-se antes de nol-o mostrar, nas «Sugestões do Crepusculo», com a melancolia soberana que por vezes o invade e lhe torna mais compreensível a grandeza, no vasto nivelamento das grandes aguas tranquilas, onde se nos dilata de algum modo a impressão visual da impressão interior e vaga do Infinito...

Porque

*Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.*

*Augmenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrelas.*

*Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto,
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.*

*Domado então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno, apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.*

*Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar ?*

.....

*Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...*

Fôra impossivel citar tudo prolongando a tortura do contraste entre estas frases duras e a flexibilidade desses versos, nos quaes o metro parece nascer ao compasso da sístole e da diástole do coração de quem os recita.

Alem disto, alguns deles, mercê da unidade perfeita, não se podem mutilar em extractos. Nas «Palavras ao Mar», aquella identidade, anteriormente aludida, da nossa harmonia moral com a do Universo refulge num dos mais breves e maiores poemas que ainda se escreveram na lingua portugueza, para se definir o perpetuo anseio do ideal deante das magias crescentes da existencia.

Em «Fugindo ao Captiveiro» — epopéa que se lê num quarto d'hora — a mesma estrutura inteiriça torna inviolavel a concepção artistica.

Digamos, entretanto, de passagem, que aquella miniatura shakspeareana da ultima fase da escravidão em nosso paiz, absolverá completamente, deante da posteridade, a nossa geração, das culpas ou pecados que acaso lhe adviriam de uma dolorosa fatalidade social. Ver-se-á, pelo menos,

que as emoções esteticas, tão essenciaes a todas as transformações verdadeiramente politicas, não as fomos buscar sómente, já elaboradas, na alma da geração anterior, decorando, e recitando, exhaustivamente, as estrofes eternas das «Vozes d'Africa» e do «Navio Negreiro». Sentimol-as, bem nossas, a irromperem dos quadros envolventes. A' imensa desventura do africano abatido pelo traficante, contrapuzemos a rebentina do crioulo revoltado. Vicente de Carvalho agarrou, num lance magnifico, a unica situação heroica e fugaz — durando o que durou o relampago da fouce coruscante brandida por um hercules negro — de uma raça humilhada e sucumbida.

E ainda nesse trecho, com a amplitude e o desafogo da sua vizão admiravel, associou ao dramatico itinerario do exodo da turba miseranda e divinizada pelo sonho da liberdade, a natureza inteira — do oceano longiquo, apenas adivinhado dos pinaros da serra, á montanha abrupta abro-lhando em estrepes e calhaus, ás colinas que se idealizam azulando-se com as distancias, e á floresta, referta de rumores e gorgeios, onde

*Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no riso em flôr das parasitas.*

...imagem, encantadora na sua bellissima sim-

plicidade, que se emparelha com as mais radiozas enghadas por toda a poezia humana.

*

* *

Quero cerrar com ela todos os conceitos vacilantemente expostos.

Que outros definam o lirico gentilissimo da «Roza, roza de Amor», a inspiraço piedóza e casta do «Pequenino Morto», ou os sonetos, onde, tão antigos temas se remoçam.

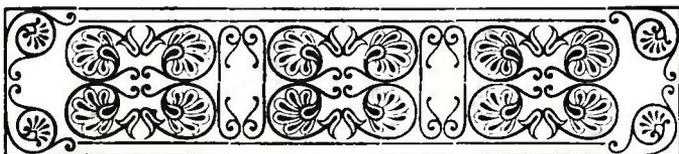
De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista, que nobilita o meu tempo e a minha terra.

Euclides da Cunha.

Rio—30 de Setembro de 1908.



VELHO TEMA



Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ancioza e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagroza que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajozo e mendigando agrados,
Mas tal como é: rizonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a dezejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu dezejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

Belas, airozas, palidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Extensa multidão de almas captivas.

Têm a alvura do marmore; lascivas
Fórmãs; os lábios feitos para o beijo;
E indiferente e desdenhozo as vejo
Belas, airozas, palidas, altivas...

Porque ? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe subtil, um quazi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te exalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

Eu não espero o bem que mais dezejo:
Sou condemnado, e disso convencido;
Vossas palavras, com que sou punido,
São penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido,
Pois nem se esconde nem procura ensejo,
E anda á vista naquilo que mais vejo:
Em vosso olhar, severo ou distraído.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego:
Ao meu amor desamparado e triste
Toda a esperança de alcançar-vos nego.

Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste;
Conto-lhe o mal que vejo, e ele que é cego
Põe-se a sonhar o bem que não existe.

«Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminozo e condemnado.

Sê sempre pura! Eu com denodo engeito
Uma ventura obtida com teu damno,
Bem meu que de teus males fôsse feito».

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o covarde coração humano.

«Lembra» ! diz-me o passado: «Eu sou a aurora
E a primavera, o olhar que se enamora
De quanto vê pelo caminho em flôr;
Para o teu coração cansado e triste
E' recordar-me — o unico bem que existe...
Eu sou a mocidade, eu sou o amor».

«Vive!» diz-me o presente. «Alma suicida,
Louca, não peças á arvore da vida
Mais que os amargos frutos que ela tem;
Deixa a saudade e foge da esperança,
Faze do pouco que teu braço alcança
O teu mesquinho, o teu unico bem».

«Sonha!» diz-me o futuro: «o sonho é tudo,
Eu sobre as tuas palpebras sacudo
A poeira da ilusão!... sonha, e bemdiz!
Eu sou o unico bem porque te engano,
E o desgraçado coração humano
Só com o que não possui é que é feliz».

Eu ouço os teus, e calo-me: dizisto
De quanto me prometem, porque nisto
Todos se enganam, todos, menos eu:
Beijo dos labios da mulher amada,
O unico bem és tu! Nem ha mais nada...
E tu és de outro, e nunca serás meu!



FANTASIAS DO LUAR



Entre nuvens esgarçadas
No céu pedrento fluctua
A triste, a palida lua
Das baladas.

Frouxo luar sugestivo
Contagia a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.

Tem vagos tons de miragem,
De um dezenho sem sentido,
O conjuncto descozido
Da paizagem.

A apagada fantasia
Do colorido — parece
De um pintor que padecesse
De miopia.

Tudo, tudo quanto existe
Extravaga, e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

O longo perfil do Monte
— Como um rio de agua verde —
Corre ondulando, e se perde
No horizonte.

E sobre essa imaginaria
Turva corrente, projeta
A alva igreja a sua seta
Solitaria.

Assim, de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto, muito branco,
Muito esguio.

Sonha, imóvel... E acredito
Que de subito desperte
Aquele fantasma inerte
De granito:

Dorme talvez... Qualquer coisa
No seu somno se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repouza;

E eu cuido vê-lo, a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Céu a fóra...



Ha um lirismo disperso
Nos ares... O proprio vento
Esse bronco, esse praguento,
Fala em verso:

Voz forte, bruscas maneiras,
Pela boca pondo os bófes,
O vento improviza estrófes
 Condoreiras.

Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as arvores secas, essas
 Gesticulam.

Gesticulam, como espectros,
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
 De dez metros.

Algum trovador de esquina
Canta a paixão que o devora;
E a sua voz geme, chora,
 Desafina.

Ao longe um éco repete
O canto, fraze por fraze,
Em tom abrandado, quaze
 Sem falsete.

Tem o aspecto apalaçado
Da pedra cara e macissa
O muro, em simples calça,
De um sobrado.

Nem castelã falta a esse
Castelo: na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pitoresca
De romance ou de aquarela,
A burgueza que á janela
Goza a fresca.



O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente.
Quanto queira,

Quando, ó lua das baladas,
Forjas vizões indistinctas
Com esse aguado das tintas
Estragadas.



A INVENÇÃO DO DIABO



Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo
Deu-lhe a parte peor, como era de razão;
E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o imenso tesouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.

Póde esparzir na areia as perolas do orvalho,
Marchetar de rubis a aza de um beijaflor,
Fazer a primavera — e pôr em cada galho
O gorgeio de uma ave e o riso de uma flôr...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando um dia, ao saír do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do paraizo.

A primeira impressão que teve foi de inveja:
Daquele estranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á boca malfezeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.

Mas de repente, como o corisco clareia
O tenebrozo céu nas borrascas de Agosto,
Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia
Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rozas,
Eva, formosa e nua, adormecera ao luar.
E sobre a alva nudez dessas fôrmas graciosas
Satan deixou cair um desdenhozo olhar...

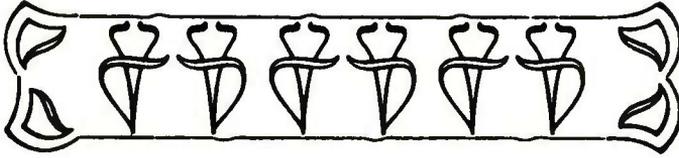
Mas num sonho talvez de couzas ignoradas,
Num dezejo sem alvo, imperfeito e indecizo,
Eva os labios abriu, — e abriram-se, orvalhadas
De um suspiro de amor, as rozas de um sorriso.

Espantado, Satan viu que esse marmore era
Animado e gentil, ardente e encantador;
Como um rezumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flôr.

E foi sómente então que o Príncipe da Treva
Imaginou o Amor furiozo e desgrehado,
E rezolveu fazer dos rozeos labios de Eva
O calix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rozas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rosicler...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

FUGINDO AO CAPTIVEIRO



1

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.

Em cima, ao longe, alta e serena,
A ampla curva do céu das noites de geada:
Como a palpitação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas...

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu somno ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo:
Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repouzado, além, levemente se enruga
Na crespá ondulação de cômoros macios;
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão nocturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente
Furioza, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente...

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçozo arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando:
E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quazi macissa
De tãõ cerrada. Ao pé do tronco dominante,
Que, imperturbavelmente imovel, inteiriça
Sob a rija gahada o torso de gigante,
 Uma vegetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Moulas de cragatás agressivos: rasteiras
Traçoerabas bramando o chão todo: touceiras
De brejaúva, em risle as flexas ouriçadas
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente...
Cem especies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante...

Acceza num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada - - fundida
Como a conflagração de cem tribus selvagens
Em batalha — a agitar cem fórmãs de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noute, a confusão do mato
Gera alucinações de um pavor insensato,

Aguça o ouvido anciozo e a vizão quazi extincta:
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta
A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.
Rugem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos, caminhantes
Sinistros, meio nus, esboçados na sombra,
Passam, como vizões vagas de um pesadelo...

São captivos fugindo ao captiveiro. O bando
E' numeroso. Vêm de longe, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hezitando,
Em rectos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvizam o rumo ao acaso das moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras...

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga;
E flexuoza, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noute e das furnas avança...

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo.
Incita-os o terror, alenta-os a esperança:
Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo
Captiveiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
— A Canaan dos captivos.

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando — fio dagua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dôr em corpo já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pele nua; o espinho entrando a carne; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue;
Uma exacerbação nova da fome velha,
A tortura da marcha imposta ao corpo exangue,
O joelho exausto que, contra a vontade, ajoelha...

E a longa fila segue: a passo, vagarosa,
Galga, de fraga em fraga, a montanha fragoza,
Bem mais fragoza, bem mais alta que o Calvario...

Um, tropeçando, arrima o pai octogenario;
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonizar de fome e de canção,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos.

11

Eil-o, por fim, o termo dezejado
Da subida: a montanha avulta e cresce
De um vale escuro ao céu todo estrelado;
E o seu cumo de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão longe ainda!... E de perneio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebroso e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão longe ainda !... E os peitos arquejantes,
E as forças e a coragem sucumbindo...
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo...

Tirifando, a chorar, uma creança
Diz com voz debil: «Mãi, faz tanto frio !...»
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança...

«Mãi, tenho fome !» a creancinha geme;
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh'o na boca ancioza, aperta e espreme...
Arido e seco !... E do caminho em meio
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido;
E ela, arrastando para longe os passos,
O amado corpo deixará, perdido
Para os seus beijos, para os seus abraços...

Esse cadaver pequenino, e o rizo
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improvizo,
Hão de ficar no chão, abandonados
A' inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entezinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhozo,
Hã de ficar sozinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernoso...

E, em torno, a vasta noute solitaria,
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a vizão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria...

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a coragem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao longe, numa curva
O bando esgueira-se, e desaparece...

Ficam sós, ela e o filho, agonizando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e o folheto
Movem-se as arvores gesticulando.

Ela ergue os olhos para o céu distante
E pede ao céu que descortine a aurora:
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noite fóra
Das estrelas o brilho palpitante...

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
(Os olhos fecha para não vêr nada,
E tudo vê com o coração aflicto,
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade:
Mâis, vosso grande amor, que tanto póde,
Póde menos que a indómitta anciedade
Em que o terror os musculos sacode !

Ela, apertando o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a bôca...
E desvairada, em pranto, ébria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foge como louca.

III

Aponta a madrugada:

Da turva noute esgarça o humido veu,
E espraia-se rizonha, alvoroçada,
Rozando os morros e dourando o céu.

A caravana tropega e ancioza
Chega ao tope da Serra...
O olhar dos fugitivos
Descança emfim na terra milagroza
Na abençoada terra
Onde não ha captivos.

Em baixo da montanha, logo adiante,
Quazi a seus pés, uma planície imensa,
Clara, rizonha, aberta, verdejante;

E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa
Macia varzea que se lhes depara
 Ali, proxima, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente
As colinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, não sonhado
Lá do fundo do escuro captiveiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
 Enchendo o céu inteiro.

Uma explozão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bôcas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borbórinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguém escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta victoria a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superficie
Do alto cimo; repouza, consolado,
Longamente, nos longes da planicie
 O olhar quazi apagado;
Distingue-a mal; duvida; resmungando,
Fita-a... Compreende-a pouca a pouco: vê-a
Anunciando proxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de areia,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Céu nessa vizão terrena...

E de mãos postas sempre, extaziado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco rezumo do Evangelho:

Foi Deus Nosso Senhor que teve pena
 De um pobre negro velho...»

Seguem. Começa a ingreine descida.

Descem. E recomeça

A peregrinação entontecida

No labirinto da floresta espessa.

Sob o orvalho das folhas gotejantes,

Entre as moutas cerradas de espinheiros,

Andrajozos, famintos, triunfantes,

Descem barrancos e despenhadeiros.

Descem rindo, a cantar... Seguem felizes

Sem reparar que os pés lhes vão sangrando

Pelos espinhos e pelas raizes;

Sem reparar que atrás, pelo caninho

Por onde fogem como alegre bando

De passarinhos da gaiola escapo

- Fica um pouco de trápo em cada espinho

E uma gota de sangue em cada trápo.

Descem rindo e cantando, em vozeria

E em confusão. Toda a floresta, cheia

Do murmurio das fontes, da alegria

Deles, da voz dos passaros, gorgeia.

Tudo é festa. Severos e calados,

Os velhos troncos, placidos ermitas,

Os proprios troncos velhos, remoçados,

Riem no rizo em flôr das parasitas.

Varando acaso ás arvores a sombra
Da folhagem que á briza arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos;
E a flôr de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos...

Vão alegres, ruidozos... Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
Que transborda do seio
E transbordada canta e ri na bôca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a capa passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo:
De além, do fundo dessas selvas brutas,
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vizinha açiosa e suplicante...

Mãe, onde geme que tão bem o escutas
Teu filho agonizante ?

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando

De ariscos caitetés farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A aragem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se álferta o bando fugitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha emquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia uzurpando a fôrma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães affictas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foge... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foge... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fugitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epilogo da fuga:
A gargalheira, a algema, as angustias da volta...

Além, fulge na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.
Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! E' preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro,
E voltar, para longe e para o captiveiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cáí, para sempre...

Como a tropega boiada,
Que, abrazada de sede e tangida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tangidos do azorrague e abrazados de sonhos,
Pelo deserto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito...

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rugidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto céu deserto
Ingenuamente exprobra o Pai que engeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros:

«Fugi, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá embaixo, o Jabaquara é perto...
Deixai-me aqui sozinho.
Eu vou morrer, de certo...
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver captivo».

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvagem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
Do carrasco e da algema:
Sorri para o supplicio e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo supplicante.

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...
«Ah, prendel-o, jamais!» respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,
Agil, possante, ouzado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço lucha, o olhar ameaça e desafia,
A coragem reziste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ébrio de covardia,
Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se:
Fóra da lucha, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Visa, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

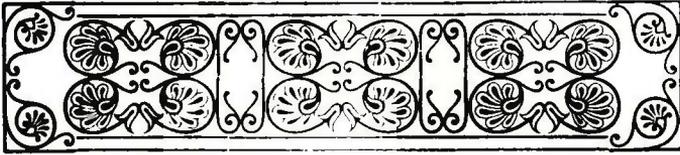
Cá-i-lhe das mãos a foice, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impolente, indefeço,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...

E retalhado, exausto, o luctador vencido
Todo flameja em sangue e expira num rugido.



CANTIGAS PRAIANAS



E' tão pouco o que dezejo,
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flôr do teu beijo
Pende de rama tão alta...

Ninguem sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia:

Em baixo, o pranto das aguas,
Em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena.

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada,
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida
Morrer de não ser amado.

Vai, branca e fugidia,
A nuvem pelo ar:
Roça de leve a lua,
Embebe-se em luar;

E toda resplandece
No brilho do luar,
Mas pouco a pouco passa
E perde-se no ar.

Minha alma na tua alma
— Nuvem que trouxe o vento —
Passou por um instante
Roçou por um momento.

E toda luminosa
Brilhou... Foi um momento:
Passou como uma nuvem
Levada pelo vento.

Eu reflecti apenas
Um brilho que era teu;
Passei, e tu ficaste,
Ficou contigo o céu.

Sonhei... Que bello sonho
Vivido em pleno céu!
Mas, ai! sonhei apenas
Um sonho todo teu...

A vida era uma aurora,
E a tua voz suave
Cantava em meu ouvido
Como um gorgueio de ave.

Mentias... E a mentira
Era um gorgueio de ave...
Morresse eu enganado
De engano tão suave!

Que angustias na lembrança
De tudo que perdi !
Ai, beijos desse labio
Que hoje nem me sorri !...

Vestigio derradeiro
Que me ficou de ti,
Bem dita esta saudade
De tudo que perdi !

Sim, eu bendigo em pranto
O amor abandonado
Que foi um dia o sonho
De amar e ser amado.

Quem ama sempre, um dia
Deixa de ser amado:
Sómente o amor que foge
Não é abandonado...

Que resta em nós agora
Da primavera em flôr ?
Em ti, o esquecimento,
Em mim, o meu amor.

Amor, desfeito em magua
Mas abençoado amor,
Que foi, um dia ao menos,
A primavera em flôr...

María !... Nome tão doce,
Nome de santa... Parece
Que o digo como si fôsse
O rezumo de uma prece.

Tem tão mística doçura...
Abre azas á fantasia:
«María !» — o labio murmura,
E a alma ecôa: «Ave, María !»

Mal sabes tu que desprezas
Os olhos com que te sigo
Que meus olhares são rezas
Ditas baixinho, comigo...

Mal sabes, santa Maria,
Que em tudo que sonho e penso
Teu nome paira e irradia
Como entre nuvens de incenso.

Maria, nome tão dôce...
E' o teu nome... Parece
Que o digo como si fôsse
O rezumo de uma prece.

Murmuro-o devotamente:
E a essa oração, se levanta
No meu extaze de crente
A tua imagem de santa.

E então, alma e olhar submersos
Num clarão de alampadario,
Vou desfiando estes versos
Como as contas de um roزاریo...

Nem só o olhar dos olhos de quem ama
Revela o amor que se supõe discreto,
E o mais oculto, o mais medroso affecto
Ingenuamente á luz do sol proclama.

Tambem a voz, indiscrição bemdita,
Trái o amor sob a fraze indifferente,
E debalde a palavra finge e mente:
Na voz que treme o coração palpita.

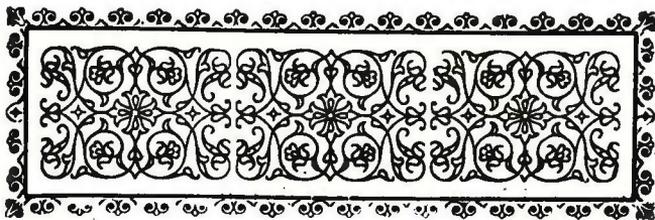
Desvias dos meus olhos infelizes
O teu olhar; dizes que não... Loucura!
Em tua voz que trémula murmura
Ouço tudo que sentes e não dizes...

Do que sofro sem queixar-me
Sois cauza sem o supôr:
Matais-me, e sois inocente,
Que eu expio unicamente
O crime do meu amor.

Crime, sim, e grave crime,
Crime, e crime sem perdão:
Ai, eu sou como um suicida
Que em sonhos esbanja a vida
Sabendo que sonha em vão...



PEQUENINO MORTO



Tange o sino, tange, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda !
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro...
Pequenino, acorda !

Como o somno apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata !
Pequenino, é pena que não possas ver-te...
Como vaes bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata !
Pequenino, acorda ! E gostarás de ver-te
De vestido novo.

Como aquela imagem de Jesus, tão lindo,
Que até vai levado em cima dos andores,
Sobre a fronte loura um resplendor fulgindo,
— Com a grinalda feita de botões de rozas
Trazes na cabeça um resplendor de flôres...
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
Florescido em rozas!

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foge da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vai chegando a hora, vai chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noite;
Por aqui, só cruces com seus magros braços
Que jámais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noite...

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãe!... Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela...
Pequenino, em casa, tua mãe saudoza
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas...
Vae rezar com ela!

E depois... teu quarto era tão lindo! Havia
Na janela jarras onde abriam rozas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lenções de linho no colção de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirozas!
Que dormir suave, pela noite fria,
No colção de penas...

Tange o sino, tange, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de choro...
Pequenino, acorda!

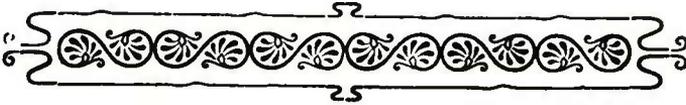
Porque estacam todos dessa cova á beira?
Que é que diz o padre numa lingua estranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cova funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cova funda?

Vais ficar sozinho no caixão fechado...
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vai desmoronando?
Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde!
Sobre ti cái todo esse montão que ao lado
Vae desmoronando...

Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme
Noute sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...
Tão sózinho sempre por tamanha noute !...
Pequenino, dorme ! Pequenino, dorme...
Nem acordes nunca !



PALAVRAS AO MAR



Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitarias ! Tigre
A que as brizas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo errica o pêlo !
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marullio acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flôr da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro;
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinham do azul do céu turbilhonando
Pouzar o vôo á tona das espumas..

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza: a colera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais, nem brame e estoura;
Apenas se ouve, timido e plangente,
O teu murmurio; e pelo alvor das praias,
Langue, numa caricia de amorozo,
As largas ondas marulhando estendes...

Ah ! vem dahi por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos;
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condemnado
Ao carcere das rochas que te cingem !
Em vão levantas para o céu distante
Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde ! O céu, cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noute,
Paira, longinquo e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores...

Condemnado e insubmisso

Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o céu resplende
— Longinquo céu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuozo coração revoltado
Levanta para o céu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,

Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa,
Como dentro da noite amortalhado
Vês longe o claro bando das estrelas;
Em vão tento alcançá-la, e as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes...
O' mar! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam!



Mar, belo mar selvagem

Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brizas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo eriça o pêlo!
Ouço-te ás vezes revoltado e brusco,
Escondido, fantastico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfemia colerica das ondas...

Tambem eu ergo ás vezes
Imprecações, clamores e blasfemias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo
O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angustia do meu sonho inutil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo!



Ah! cavaassem-te embofa
O tumulto em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas arcias que te cingem...
Mas fôsses morto, morto para o sonho,
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem auzente,
Todo o infinito em cima de teu tumulto!

Fôsses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas:
Por só paisagem — áridas éscarpas,
Uma nesga de céu como horizonte...

É nada mais ! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto
Do teu desejo e além do teu alcance !

Nem visses nem sentisses
A tua solidão, sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te;
Nem buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a vêr tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flôr que já brota desfolhada...



Mar, belo mar selvagem !
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fimbria de irizada espuma...
Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas

Cobre, oculta, amortalha !... A alma dos homens
Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condemnado á sombra,
De tanta vida condemnada á morte !



Ninguem entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que saí da tua solidão nas praias,
Que saí da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos
E embale-nos a nós que o murmuramos...
Versos, marulho ! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos !



SONHO PÓSTUMO



Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia.

O meu ultimo somno eu quero assim dormil-o:
— Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo.
E a primavera ao lado.

Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas
Palpitando de leve,
De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas,
Ou claros como neve.

De entre moutas em flôr, oscilantes na aragem,
Humidas e cheirozas,
Espalhando em redor frescuras de folhagem,
E perfume de rozas,

Subam, joyializando o ar, canções suaves
— A muzica sonóra
Em que parece rir a alegria das aves,
Encantadas da aurora.

E cada flôr que um galho acazo dependura
A' beira dos caminhos
Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura
De todos os carinhos.

Passe em redor de mim um frémito de gozo
E um calor de dezejo,
E sõe o farfalhar das arvores, morozo
Como o rumor de um beijo.

Palpíte a natureza inteira, bela e amante,
Voluptuoza e festiva,
E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante,
E tudo sonhe e viva.

A sepultura é noite onde rasteja o verme...
O' luz que eu tanto adóro,
Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonóro!

II

A louza tumular o corpo fecha e cobre
De sombra e de abandono,
E paira, horrivel como um pezadelo, sobre
O derradeiro somno...

E', de certo, peor que a morte; desconforto.
E', por certo, mais triste:
A morte mata só — e não separa o morto
De tudo mais que existe.

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece?
— Mais um degráu da escada
Por onde eternamente a vida sóbe e desce
Do nada para o nada.

Pelo agitado mar sem praias do universo
O homem surge e deriva
Ao acaso, como um floco de espuma, emerso
De uma onda fugitiva.

Quando a morte o devolve ao seio que o gerara,
Sem que o extinga e consuma,
Funde-o na onda que vai rolando, e que não pára
De erguer flocos de espuma.

O morto volve ao chão da terra bemfeitora
Desfeito em mil destroços,
E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra:
— Carne vestindo uns ossos.

Só perde um sonho: o sonho apenas esboçado
No rapido transporte
Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado
Do berço para a morte.

Sonho belo talvez, confuzo com certeza,
Feito de rizo e pranto,
Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza,
De encanto e desencanto.

Sonho que surge como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto
Lhè atire uma semente.

III

Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado
— Como um carcere escuro —
A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado
Sob o céu claro e puro,

Porque se larga á sombra, e se condemna á lama,
E se abandona ao verme,
Porque assim se castiga, e se repele, e infama
Um pobre corpo inerme ?

Corpo que veiu de uma explozão de dezejo,
Encantado produto
De uma noute de amor — e que saíu de um beijo
Como, da flôr, o fruto;

Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha,
Para as couzas mais belas:
— A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha
Do céu cheio estrelas;

Onde cada rumor em que a noute transborda
Sob o luar tristonho
Foi despertar um éco e vibrar uma corda,
E acalentar um sonho;

Corpo que tanta vez o aroma — essa carícia
Em que a flôr se consome —
Encantou de um prazer subtil, de uma delicia
Sem igual e sem nome;

Onde o labio se abriu, humido como as rozas
Quando amanhece o dia,
Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas
Que o amor pronuncia...

Condemnado por fim á dispersão da morte,
O universo o reclama...
Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte
O desfazer-se em lama ?

IV

Oh! Deixai que o disperse o vento, aza ligeira
 Em que sobe do chão,
Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira
 E decomposição.

Sim, deixai que o fecunde o sol, esse baptismo,
 Essa ablução de luz
De que surtem sorrindo em flôr — bordas de abismo
 E lamas de paúes.

Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros,
 No chão dos areais,
A argila, recebendo a comunhão dos astros
 Estrela-se em rozais.

Da materia imortal que ao acaso reunida
 Pairou nesse apogeu:
A vida humana; e após, de tão alto abatida,
 Caíu e apodreceu,

Possa cada fragmento, e cada átomo possa
 Obter o jubileu
Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça
 O mau humor do céu;

Mau humor de que surge o verme, esse engeitado,
 Esse erro, o caracol;
Que condemna, que humilha o pó que é pó, ao lado
 Do pó que é luz do sol;

E que afinal se abranda e se penitência
 Naquela redempção
De que a noute resurje e se desmancha em dia,
 E o castigo em perdão.

A poeira se dispersa; o charco se evapóra;
 Perde-se o fumo no ar:
São feitos desse nada ouros fulvos de aurora,
 Brancuras de luar...

V

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da iluzão á verdade,
Do que sonha ao que vive... O' miseria, miseria !
O' vaidade, vaidade !

A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada
No corpo, essa prisão,
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flór caída no chão;

Considera-se como a fina essencia, preza
Num vaso desprezado;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,
De vicio e de pecado.

A morte — como um fim de captiveiro encara
— Um romper de manhã,
A hora da partida ancioza e livre para
As terras de Canaan...

Alma, é louco o dezejo altivo, em que te abrazas,
De céus nunca atingidos:
Ai, que serias tu, passaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos ?

Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela,
Que descobre... ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela...
Alma, que sonharás ?

Alma, que sonharás, na silencioza auzencia
Do som — emudecida
Para o teu devaneio a vaga confidencia
Dos sub-solos da vida ?

Em vão levantas no ar as tuas fantazias
E as tuas ambições;
Architectas em vão tantas filozofias
Tantas religiões...

Para mais desterrar na morte a carne, morta
Por fim, emfim vencida,
Inventaste o pavor de um carcere sem porta,
De um antro sem saída.

Inventaste-o de balde. O tumulto condemna
O corpo á podridão,
Mas não te exime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão:

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois... um sonho da retina...
E's tudo isso, e mais nada.

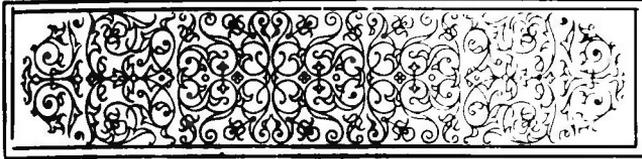
VI

O derradeiro somno, eu quero assim dormil-o:
Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo
E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noute estrelada; arda o dia
Depois, claro e rizonho;
E seja a dispersão na luz e na alegria
O meu ultmo sonho.



CARTA A V. S.



Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais!
Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio
Com remorsos crueis e cólicas fatais
— Faltas em que reincido, erros em que porfio.

Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de guaianás.
Veste-me a pele branca o espirito desnudo,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz,
Que porventura herdei de algum avô beijudo.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nómade sem lar
Tinha a alegre feição de um grande pique-nique;
E em cuja fronte altiva as plumas de um cocár
Eram como a expressão ritual do ultimo *chic*.

Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquilo um somno descuidado
— Passivo, indiferente, enfarado talvez —
Sob o misterio azul do céu todo estrelado.

Ignorando o pavor da vida extra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar imbecil;
E, passando na Terra, inutil, em pequena
Viagem atravez da natureza hostil,
Vivia sem cuidado e morria sem pena.

Vegetava feliz, sem lei, sem rei nem roque.
Sua unica ambição era a fome vivaz,
Sua unica riqueza, uma flexa e um bodoque;
E abria-se num rizo eterno e contumaz
O seu labio — fendido ao pezo do batoque.

Imagina tu, pois, a alma do avô-selvagem
Comprimida, esmagada, atonita, infeliz,
Metida numa vasta e complexa engrenagem
De deveres morais e tramoias sublis,
De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;

Imagina esse filho inculto da floresta,
Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz,
— Perdido na Cidade ignobil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e deshonestas,
Velha Aspázia, garrida, e a desfazer-se em pús;

Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas,
Ao sabor de uma turba em grita e em confusão,
Pela prédica e o livro, os jornais e as *mofinas*,
Arrastado em tropel — disputado em leilão
Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;

Imagina captiva, entregue, submetida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis,
Entre o pádre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo,
Meu avó — que, no mato, era o dono feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo,
Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz...
— Alma livre que em mim reviveu num escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fugidica,
Em vôos leves de uma aza de beijaflôr;
E obrigada a pairar nas regiões da Justiça
Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...

Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de exilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, auzente e devastada.

Assim, de quando em quando assalta-me a cachola
Um furiozo dezejo — ou do mato, ou do mar,
Das vastas solidões onde ninguem me amola...
E, passaro captivo, eu fujo, a me escapar
Da Civilização — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo através das vielas
Plenas de agitação, de atritos e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo ás canelas,
A ouvir a voz de algum descendente de Job
Que apregôa Moral — coberta de mazelas.

Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta
Como num templo augusto habitado por Deus;
E ante o vasto esplendor da natureza em festa;
Sob a aureola em que a cinge a abobada dos céus
— Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia... Um côro
De aves canta a alegria ingenua de viver;
De longe em longe reza e resmungo um bezouro,
E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer
Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.

E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga
De bugre resurrecto, o olhar vago, os pés nus,
A' doce Religião da Natureza amiga...
Erro á tôa; o primeiro atalho me conduz,
Vêr o céu me contenta; uma arvore me abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia absorto
De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim
Gózo a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um tóco sem vida a boiar num mar morto.

Não pensar, não querer... A ambição e a saudade
Adormecidas; morta essa ilusão pueril
De fazer intervir no Destino a Vontade...
Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que róe a vida e vai tecendo a eternidade...

Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma:
Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser couza nenhuma.

E o mar então... O mar, o velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar...
O mar é para mim como o Céu para um crente.

Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso
Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está
O tapuia boçal, bravio como um ganso,
Devoto da Preguiça, amigo do descanso,
— Um neto do remoto avô Tibiriçá.

Impetos de voltar, fugido, para o mato,
De me fazer ao mar numa casca de noz:
Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato,
Eis o que eu em remorso e em colicas resgato,
Eis o crime de ser neto de meus avós.

E agora, conhecendo a verdade inteiriça,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais,
Perdôa a um preguiçozo os crimes da Preguiça,
E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa
O culto da Vizita e dos Cartões Postais !

Falando agora a serio — e envergonhado o digo:
Não, desculpa não ha que ouze em proza valer
A's mil faltas em que eu estou para comtigo.
O verso diz... o que não ha para dizer:
Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.

Paga-as; paga-as á vista, em rima numeroza;
Paga-as de rosto alegre e coração feliz,
Porque, na mesma estrofe exata e affectuosa,
Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,
Saudar a um tempo o amigo e o príncipe da proza.

Lida a defeza, que é tão extensa e tão crua,
Outorga ao réo confesso um perdão liberal...
Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatrúa:
Sendo a defeza assim tão comprida — afinal
Os pecados são meus — e a penitencia é tua...



SUGESTÕES DO CREPUSCULO



1

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Augmenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e ôco,
Do céu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto...
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia
De entorno — apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar ?

II

Estranha voz, estranha prece
Aquele prece e aquela voz,
Cujá humildade nem parece
Provir do mar bruto e feroz.

Do mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder...

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
E' todo furia: em sua boca
Blasfema a dôr, mora o rugido.

Sonha a nudez: brutal e impuro
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flôr.

Debalde a terra em flôr, com o fito
De lhe escapar, se esconde — e aneia
Atraz de cômoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas sólta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...

III

Mais formidavel se revela,
E mais ameaça e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e proximo se escuta
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o céu e o mar.

Em cada rispida rajada
O vento agride o mar sanhudo:
Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a celeuma, um estampido
Avulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o céu ameaçador.

De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cança-se o vento, afrouxa... e assim
Como uma vaga somnolencia
O luar invade o céu sem fim...

Donas do campo, as ondas rugem;
E o monstro impando de ouzadia,
Pragueja, insulta, dezafia
O céu, cuspindo-lhe a salsugem...

IV

A alma raivoza e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruína
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu
Que retalia e dá resposta
A' mesma cólera do céu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se á melancolia
Conventual do entardecer...

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistincta e espiritual,
Alguma couza do gemido
De um organ numa cathedral.

E pelas praias aonde deſcem
Do firmamento — a sombra e a paz;
E pelas varzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás;

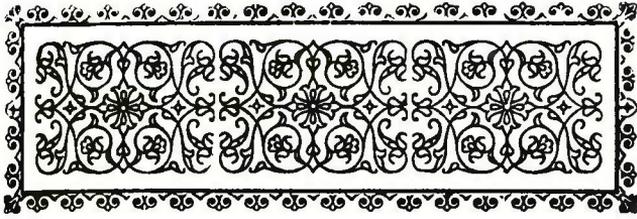
Ouvem os ermos espantados
Do mar constricto no clamor
A confidencia dos pecados
Daquelle eterno pecador.



Escutem bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...



FOLHA SOLTA



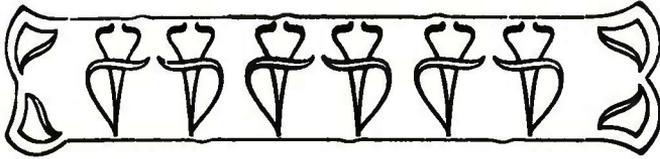
Não me culpeis a mim de amar-vos tanto,
Mas a vós mesma e á vossa formosura,
Pois si vos aborrece, me tortura
Vêr-me captivo assim do vosso encanto.

Enfadais-vos; parece-vos que, em quanto
Meu amor se lastima, vos censura;
Mas sendo vós comigo aspera e dura,
Que eu por mim brade aos céus não causa espanto.

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois :
Ido o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
E então podereis vêr, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

A PARTIDA DA MONÇÃO



I

Eil-as, as toscas naus de bõrda rastejante
A' llór das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insectos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanso e ouzado nos tufões —
Dessas aguias que vão bordejando sem rumo
Pelo acuzo do mar, feito de turbilhões;

Nem a airoza altivez de velas desfraldadas
Fulgindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo;
Nem prôas a romper ondas e espumaradas,
Pelos pareeis em furia arroteando o rebojo;

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoutos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho
A comemoração de seus passos triunfais;

Nem adeante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma,
— A infinita extensão do mar ermo, perdido
Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;

Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogaça
De ir ao longe, atravez das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virgindade ocioza
De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...

II

Humildes, toscas naus de borda rastejante
A' lona d'agua, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vóo, arrastado e sem gloria, de insectos...

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e rezignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De éco em éco se adoça em suspiro de maguas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de leve a face azul das aguas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo,
Dando ao gozo do olhar delicias de um vergel.

E o rio, manso, manso... a ondular, murmurando
O seu murmurio igual, monotono estribilho,
Moroza cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãi que embala o berço onde repouza o filho.

E o rio, manso, manso... a embalal-as, descendo,
No balanço subtil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o longinquo, vago, infinito sertão...

III

Hão de em breve surgir, pelas margens sinuosas
Florestas virgens de onde um confuzo rumor
Sóbe de solidões profundas, misteriozas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
Que de repente acorda e, prestes para a lucta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera,
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.

A oculta sucuri, das hervas no disfarce,
Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco,
E vagarosamente, e como a espreguiçar-se,
Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.

Na sombra eternamente apagada, nocturna,
Dê fundos socavões virgens da luz solar,
Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna,
Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar...

IV

Depois da mata escura, o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em céu ao longe; e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paira, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paisagem morta, igual, dezerta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão caíndo as noutes... Vastas
Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planicies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...

v

De repente, uma flexa aligera sibila.
De onde veiu ? Da sombra. E a sombra, de repente,
--Traição da cascavel numa alfombra tranquila --
Principia a silvar com silvos de serpente.

Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sái
Do chão e vóa, ou vem rastejante, ou, de cima,
Salpicado, vivaz, como um granizo, cái...

Bruscamente borbulha em fantasmas a margem
Agitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa vargem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista.
— Como a corça ferida escapa e foge em vão,
Deixando atraz, deixando, humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrái, guia, conduz para a tribu distante,
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o captiveiro, a morte: o bandeirante.

Ferve a lucta. De serra a serra vóa o rouco
Som da inubia, acordando écos e legiões;
Ouriço monstruozo, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações...

VI

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante,
A' flór das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insectos.

Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inuteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

Mãis, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda
Nessa formoza folha em que o livro da vida
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indeciza do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saudade pelo amante e enlevo pelo heróe...

Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã côr de roza,
Pairam por um momento em pleno rio; apróam
Para o sertão. E rompe a marcha vagaroza.

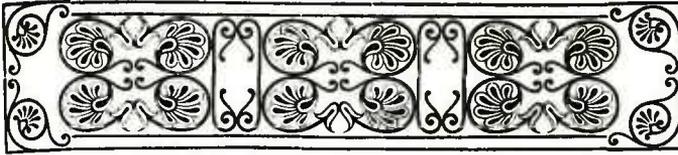
Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mãis a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...

VII

Longe, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde
No magestoso, vago, infinito sertão...



UMA IMPRESSÃO DE D. JUAN



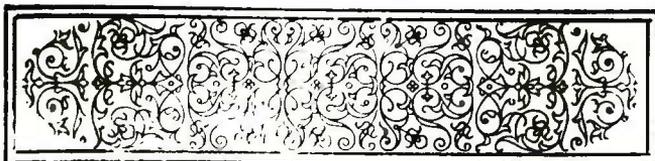
* Gastei no amor vinte anos, os melhores
Da minha vida pródiga: esbanjei-os
Sem remorso nem pena, em galanteios,
Colhendo beijos, desfolhando flôres.

Quentes olhares de olhos tentadores
Suspiros de paixão, arfar de seios,
— Conheci-os, buscaram-me, gozei-os...
Li folha a folha o livro dos amores.

Quanta lembrança de mulher amada,
Quanta ternura de alma carinhoza,
Sim, tanto amor que me passou na vida !

E nada sei do amor... Não, não sei nada,
E cada rosto de mulher formoza
Dá-me a impressão de folha inda não lida.

A TERNURA DO MAR



No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro
la boíndo a lua indiferente e fria...
De penhasco em penhasco e de estouro em estouro,
Em baixo, o mar dizia:

«Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra...
Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas
Sombras do entardecer todo entristece, e chora
Marejado de estrelas;

Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua
— Como a folha que vai arrastada na briza —
Aos caprichos do tempo inconstante fluctua
Indeciza, indeciza...

Desfolha-se, êncanece em musgos, aos rigores
Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,
A arvore que viçou toda folhas e flôres,
Toda aromas e ninhos;

Coleras de tufão, pompas de primavera,
Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda,
A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera...
— Só meu amor não muda !

Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo:
Hei de romper-lhe a crôsta e cavar as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submergindo,
Submergindo montanhas.

Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa
A largura da terra e o fraguedo dos montes...
Hei de chegar ahi de onde vens nua e clara
Subindo os horizontes.

Um passo para ti cada dia entezouro,
Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha...
Dona do céu azul e das estrelas de ouro,
Um dia serás minha !

E serei teu escravo... A' noute, pela calma
Rendilharei de espuma o teu berço de areias,
E ha de embalar teu somno e acalentar tua alma
O canto das sereias.

Quando a aurora romper no céu despovoado,
Tezouros a teus pés estenderei, de rastros...
Ser amante do mar vale mais, sonho amado,
Que ser dona dos astros.

Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tingirei de mil côres cambiantes,
E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha,
Tranquilas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsugem polvilha
A alva nudez das praias.

Ao longe, de repente assomando e fugindo,
Alguma vela, ao sol, verás, alva de neve:
Teus olhos sonharão enlevados, seguindo
Seu vôo claro e leve;

Sonharão, na delicia indefinida e vaga
De sentir-se levar sem destino, um momento,
Para além... para além... nos balanços da vaga,
Nos acazos do vento.

Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços
Dormem o ultimo somno estendidos na alfombra
De algas e de sargaços.

Opulentos galeões, pelas junturas rotas,
Vertem ouro, trofeus inuteis, vis monturos,
Que fôram conquistar ás praias mais remotas,
Pelos parceis mais duros.

Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas
Desfraldadas, varando ermos desconhecidos,
Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas,
Sombra, fuzis, bramidos,

Todo o estranho pavor das aguas afrontando,
Altivos como reis e leves como plumas,
Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando
Uma esteira de espumas.

Elos, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura,
Esqueletos de heroes... dei-os em pasto á fome
Silencioza e subtil da multidão obscura,
 Dos moluscos sem nome.

Essa estranha região nunca vista, has de vê-la,
Onde, numa bizarra exuberancia, a flora
Rebenta pelo chão perolas côr de estrela
 E conchas côr de aurora;

Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grtões mais fundos
De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas,
 Archipelagos, mundos...

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo,
Paira, longe, no céu, desdenhoza rainha !...
Que importa ? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo !
 Um dia serás minha !

Embalde nos afaste e embalde nos separa
A largura da terra e o fraguedo dos montes:
Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara
 Subindo os horizontes...»

.....

Na quietação da noute apenas tumultua
Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar:
Corta o silêncio, agita o socego, fluctua,
E espalha-se no luar...



ROZA, ROZA DE AMOR

*Roza, roza de amor purpurea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?*

GARRET.



I

OLHOS VERDES

Olhos encantados, olhos côr do mar
Olhos pensativos que fazeis sonhar !

Que formozas couzas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Córtes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueirais em flôr,
Solidões tranquilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falais de amor !

Vem caíndo a noute, vai subindo a lua...
O horizonte, como para recebel-as,
De uma fimbria de ouro todo se debrua;

Afla a briza, cheia de ternura ouzada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao longe nos confins do mar...

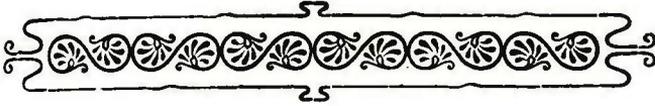
Olhos scismadores que fazeis scismar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara! como o céu é lindo!
Leva-me contigo pelo mar... Adeante!
Leva-me contigo até mais longe, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos côr do mar!





II

MANHÃ DE SOL

Na sombra do murtal, cujas flôres a leve
Aragem desgrinalda em turbilhões de neve,
Ela vagueia a sós... E como vai formoza !
Tem como uma frescura orvalhada de roza
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando
O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando.
— Eis o sol ! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela
Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela.
Corre de flôr em flôr, salta de mouta em mouta
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta

E tenta surpreender o segredo de um ninho;
Ora scisma, fitando o vago desalinho
Em que toda palpita, em que se entrega toda,
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,
Em tudo, vê um ar festivo de noivado.
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,
Humido como um labio em que pouzasse um beijo...

E o seu passo é subtil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indeciza;
Mal com os pézinhos nús o chão musgozo piza
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, entôo
A atrevida canção do amor que tudo pede,
Do amor que não é mais do que um furor de sede,
Que é o amor afinal...

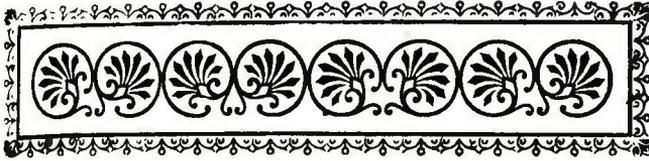
Toda a sua alma escuta,
Todo o seu corpo treme. Amante e irrezoluta,
Quer ceder, e reziste; abraza, e não se atreve...
E de subito, como a corça arisca e leve
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,
Salta, foge-me...

Em vão. Salto-lhe em pós; não tomba
Mais faminto um abutre em cima duma pomba.
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia
Aqui um charco, adeante um cômodo de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,
Arfa-lhe o seio; perde o folego; tropeça;
Pára...

Alcança-a meu beijo. O noivado começa.





III

HORAS DE AMOR

Só vivo as horas que posso
Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr...

Só assim vivo, querida,
Pois tudo mais não é vida.



Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja;

Só alcanço o teu carinho
Nesta sombra de folhagem,
Onde, como ave selvagem,
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,
Caminho, páro, indecizo...
Virás ou não ? E agonizo
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia
De um rumor vago e perdido,
Cuido escutar o ruído
Dos teus pézinhos na areia.

Volto-me sobresaltado
Só porque uma ave deteve
O vôo, e um ramo, de leve,
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto
Essa impacencia hesitante
Por ternuras de um instante,
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo
Nas borboletas que em bando
Passam felizes, amando
Na plena luz do sol claro...

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,
E foge ao sol e ás estradas...
Fóssemos nós de mãos dadas
Pela vida e a primavera!

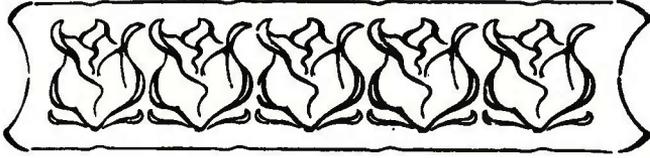
De subito, ouço teus passos:
De entre folhagens de arbusto
Olhas, tremula de susto,
Cáis palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha
Que suga a flôr, adormece,
Meu beijo pouza, e se esquece
Em tua bôca vermelha...

Logro só de espaço a espaço
Algum momento de amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua bôca em flôr.

Ai, eu só vivo querida,
Pedacos da minha vida...





IV

PRIMEIRA SOMBRA

— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flôr assegure o que digo e tu vês ?

O meu olhar, pouzando em teu sorriso,

Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...

— E, como vida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...

Supões que espalhe a noute em nossa vida

A sombra de uma flôr perpassando entre nós ?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fugitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha minha bôca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amoroza doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radiozo, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu escutei-a
E segui-a, ditoza, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia
Que me atraíste para o azul do mar!

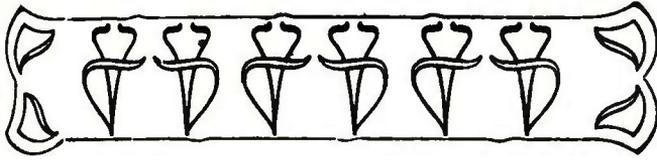
Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Viu seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me deixes! Serei a sombra que te siga,
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A rizonha
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
Pouzada a frente nos meus seios nus!

Que alegre madrugada côr de roza,
Ser amada por ti, claro sol que tu és!
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,
Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio,
Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorgoio
Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo!»





V

CAIR DAS FOLHAS

«Deixa-me, fonte !» Dizia
A flôr, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flôr.

«Deixa-me, deixa-me, fonte !»
Dizia a flôr a chorar:
«Eu fui nascida no monte...
«Não me leves para o mar».

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flôr.

«Ai, balanços do meu galho,
«Balanços do berço meu;
«Ai, claras gotas de orvalho
«Caídas do azul do céu !...»

Chorava a flôr, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte sonora e fria,
Rolava, levando a flôr.

«Adeus, sombra das ramadas,
«Cantigas do rouxinol;
«Ai, festa das madrugadas,
«Doçuras do pôr do sol;

«Caricia das brizas leves
«Que abrem rasgões de luar...
«Fonte, fonte, não me leves,
«Não me leves para o mar !...»



As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flôr...



VI

DESILUDIDA

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante.

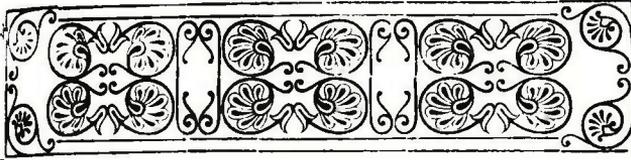
Bem sei que já me não ama,
E sigo, amoroza e aflicta,
Essa voz que não me chama,
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante:

Só, perdido no dezerto,
Segue empós do seu caminho;
Vai-se arrastando... e vai certo
Que morre pelo caminho.





VII

SAUDADE

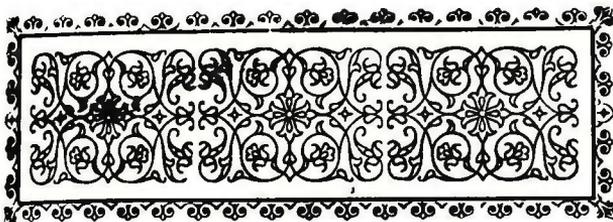
Belos amores perdidos,
Muito fiz eu com perder-vos;
Deixar-vos, sim: esquecer-vos
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,
— Amor, desejo, esperança...
Só não se arranca a lembrança
De quando se foi feliz.

Rozeira cheia de rozas,
Rozeira cheia de espinhos,
Que eu deixei pelos caminhos,
Aberta em flôr, e parti:

Por me não perder, perdi-te;
Mas mal posso assegurar-me
— Com te perder e ganhar-me,
Si ganhei, ou si perdi...





VIII

SERENATA

Pela vasta noute indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente
Do teu cabelo castanho.

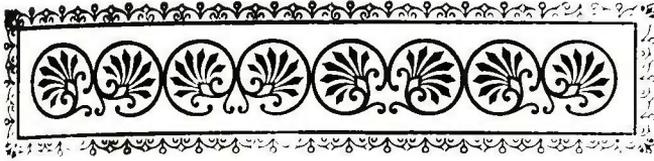
Pela vasta noute tranquila
Pairam, longe, as estrelas.
Eu sonho... O teu olhar tambem scintila
Assim, tão longe como elas.

Pela vasta noute povoada
De rumores e arquejos
Eu sonho. . E' tua voz, entrecortada
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noute sem termo,
Que dezerto sombrio!
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo
O nosso leito vazio.

Pela vasta noute que finda
Sóbe o dia rizonho...
E eu cerro os olhos para vêr-te ainda,
Ainda e sempre, em meu sonho.





IX

O DIA SEGUINTE DO AMOR

Aves fugidias que passais em bando
Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,
Aves fugidias que passais cantando,
Que fazeis? Passar.

De repente surgis. No vasto céu
Um turbilhão de alvura de repente cresce;
Passa, afasta-se, e ao longe, e como apareceu
Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve
De azas que ruflam devagar,
Passais como flocos de neve
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta ? Um quazi nada: apenas
 Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma alvura de penas,
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados
Do aroma da flôr da laranjeira,
Botões de roza desabrochados,
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado
Ao descobrir, como um triunfador,
Todo enlevado, todo enlevado,
Que uns seios de marmore arquejam de amor;

Sonhos do ouvido, escutando
O ingenuo amor que se revela emfim
Intoluntariamente, quando
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo
Que mal pouza, medroso, leve, leve,
Num rosto virgem onde o pejo
Semeia de rozas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a roza
Que, nem bem colhida,
Perde a frescura que a tornou formosa,
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivida

De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,
Entrada triunfal do coração na vida,
Amor, amor, amor!

Rapida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedos nús
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...
Região lavada em luz

Entre esses dous extremos

Tão proximos — o olhar que ainda não sabe vêr
E o que vê — triste fim dos encantos supremos! —
O que vale a mulher;

Miragens do dezejo, enlevos da esperança,
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel couza,
Contacto deliciozo, inefavel pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;

O' labios da mulher palpitantes de amor,
O' labios que humidece o orvalho do dezejo,
Dôces labios servis onde abotôa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flôr;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo;
O' seios brancos onde uns olhos de amorozo
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;

Encantos da mulher amada; conovidos
Destumbramentos; gosto indizível, sabor
Da única hora feliz de toda a vida; amor,
Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroca
Resplandeceis, miragens, enganos,
De uma luz que não é vossa...
Que é só dos nossos vinte anos.

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flôr das ondas nos parceis do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis ? Passar.

De repente surgis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente cresce;
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da agua no açude de um pomar,
Passais, desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai! Quazi couza alguma:

Em meu olhar distraído

A vaga impressão de alguns flocos de espuma

E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...



X

ULTIMA CONFIDENCIA

—E si acazo voltar ? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti ?

—Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...
Nessa tarde parti.

—Si arrependido e anciozo ele indagar: «Para onde ?
Por onde a buscarei ?»

—Dize-lhe: «Para além... para longe...» Responde
Como eu mesma: «Não sei.»

Ai, é tão vasta a noute ! A meia luz do ocazo
Desmaia... anouteceu...

Onde vou ? Nem eu sei... Irei seguindo ao acazo
Até achar o céu.

Eu cheguei a supôr que possivel me fôsse
Ser amada — e viver.
E' tão facil a morte... Ai, seria tão dôce
Ser amada... e morrer !...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
v As lagrimas que vês...
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

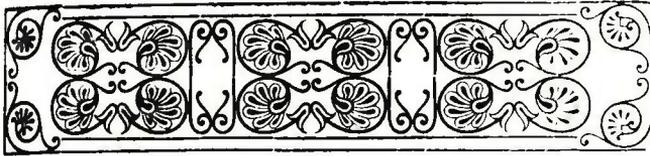
Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve nunca igual !
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final !

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca
Que o seu beijo não quiz:
Gólfame em sangue, vês ? E eu, murmurando-o, louca !
Sinto-me tão feliz !

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quazi o odeio,
Oculta-lh'o ! Senhor,
E morro !... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.



NOTAS



(DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

(A)

Incluiu-se neste livro o poemeto *Roza, roza de amor...* de que a Livraria Laemmert deu em 1902 uma edição, hoje exgotada. O mais do presente volume compõe-se de poezias esparsas, escriptas em diferentes épocas, ás vezes com largos intervalos; nele enfeixou o autor o que, no ponto de vista puramente estético, lhe pareceu menos mau em sua resumida produção poetica dos ultimos anos. Os *Poemas e Canções* não são, pois, um livro que o autor tivesse feito com intenção de o fazer, mas que, a bem dizer, se fez por si, de certo modo ao acaso. Na escolha das peças aqui reunidas, adoptou o autor, como criterio, preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em fraze simples e corredia, com imagens sóbrias e mais ou menos claras e fieis, idéas concebidas com logica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poezia, como sempre ambiçionou o autor deste livro realizal-a nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo, couza que se entenda. Si neste livro ha extravagancias aparatozas,

quer de idéas abstruzas, quer de sentimentos artificiais, ou de frases complicadas, ou de palavras meramente decorativas, a elas resvalou o autor sem o perceber e a contra-gosto; e disso se penitencia humildemente.

(B)

Adoptaram-se neste livro, com relação á ortografia, algumas das regras formuladas em 1907 pela Academia Brasileira de Letras. Algumas, não todas; porque, sendo sem duvida oportuno encaminhar para uma inteligente simplificação a ortografia portugueza, complicada de pretenções etimologicas sem grande nexos, pareceram, entretanto, prematuras ou incompletas algumas das inovações propostas pela Academia. Entre essas, repugnou ao autor a supressão sistemática das consoantes mudas: porque, não dispondo de fonte a que recorra com segurança para aprender quando uma consoante é realmente muda, ou não, segundo a boa pronuncia; suprimir cada um as consoantes que entenda sem valor — provavelmente redundaria em empregar cada um, para seu uso, uma ortografia pessoal, ou, quando muito, regional. E, por exemplo, sabido que nós brasileiros pronunciamos *recê p ção*, frizando levemente o *p*; e os portuguezes dizem *recêsão*. Como decidir-se, com tal divergencia na pronuncia do mesmo vocabulo, por uma ortografia fonetica desse vocabulo? Ha, sem duvida, inumeras palavras em que o uzo tem tornado mudas consoantes que na ortografia de taes palavras apenas figuram por tradição etimologica. Mas, a adoptar o uzo como arbitro, arris-

cava-se inutilissimo um autor provinciano, como é o deste livro, a empregar com relação á boa parte de suas palavras uma detestavel ortografia provinciana. A referida regra só poderá ser aplicada com segurança depois de contemplada em dicionario da lingua, cuja autoridade faça fé.

Tambem recalceitrou o autor em aceitar a substituição de *ch*, com o som duro de *q*, por *qu*, antes das vogaes *e* e *i*, como em *quetonio*, por *chelonio*, e *químico*, por *chímica*. Equivaleria isso a trocar uma complicação por outra, sem ganhar conza que se veja, e perdendo assim sem vantagem o que o uzo conquistou. No sentido de uma aproximação fonética, si á grafia *chímica* devia corresponder a pronuncia *chímica*, a grafia *química* deve corresponder á pronuncia *qu-ímica*. Entre as duas complicações, não ha razão de escolha; ou antes é preferivel ficarmos com o uzo tradicional, que sempre é ficar com alguma conza. Era sem duvida preferivel, como simplificação, adoptar *ke* e *ki* por *che* ou *chi* com som duro. Deprecende-se do que aí fica -- que o autor não aceitou tambem a eliminação absoluta da letra *k*, condemnada pela Academia; e que prefere continuar a escrever *kilo*, e seus derivados, a mudar para *quilo*, *quilometro*, etc.

Outra regra, que se não impõe como de facil aceitação, é a que prescreve a substituição de *g* por *j* antes de *e* e *i*, no meio das palavras; conservando-se, entretanto, o uzo corrente, quando o *g* é inicial. De tal feilho, prescreve a Academia que se escreva, como até aqui, *genealogia*, e se passe a escrever *ajir*, *legislativo*, *cojitar*. O que parece curial é que, concedendo-se em certos cazos ao *g* antes de *e* e *i* a

representação do som *je, ji*, não se o desapropriar arbitrariamente, em outros casos, dessa representação que o uzo lhe tem consagrado; e que, a tirarlh'a, como não seria mal entendido, se lh'a cortasse cerce, simplesmente, para todos os efeitos. Nesse ponto, e com a devida venia, a regra da Academia é apenas meia regra. E não é applicavel á hipotese o classico

La parfaite raison fuit tout extrémité.

Nem sempre deixou o autor de empregar o *s* entre duas vogais, com som de *z*. Pensa ele que é a Academia quem aí tem inteira razão; e que o uzo do *s* com som de *z* mantém na ortografia da nossa lingua uma complicação bem grande e bem inutil. Mas o habito é uma força a que difficilmente se reziste; e as palavras em que o *s* tem aquella função exorbitante, mas tradieional, são tão comuns, por numerosas e frequentes, que, no emprego de tais palavras, o autor sentiu quasi sempre a sua vontade arrastada pelo instincto. Instincto da pena, ou instincto dos olhos, ou ambos ajustados. E não lhe pareceu tão importante o caso que merecesse uma atenção determinada. Nesse particular, sem impugnar a regra formulada pela Academia, regra que julga excelente, e que acredita acabará vingando com a colaboração do tempo, não a seguiu com fidelidade o autor deste livro; mas apenas em raras sortidas, aqui e ali, algum tanto ao acaso. E' claro que isso não tem desculpa que valha; nem o autor se defende com outra que não seja a sua fraqueza confessa.

Quanto ao mais, fôram em geral applicadas na ortografia deste livro as prescripções da Academia Brasileira — muitas das quais não se distinguem por inovações, mas eram já adoptadas de escriptores da lingua e recomendadas de gramaticos dela, uns e outros de nota. No que sobretudo o autor se autorizou com a autoridade da Academia foi:

— em abolir o uzo das consoantes geminadas, com excepção de *ss* e *rr*, e de *cç* quando, com relação a estas, a primeira sôa com som proprio, como em *sucção*. Nesse ponto, o autor tomou a liberdade de ir um pouquinho além do que prescreve a Academia, a qual conservou os *ll* nas palavras *ete*, *ela*, *aquela*, *aquela*, *aquilo*; sem que a excepção feita a tais vocabulos se justifique por algum fundamento plauzivel;

— em eliminar o *h* no meio das palavras, escrevendo *tesuro*, e não *thesouro*, *filosofia*, e não *philosophia*, *póstumo*, e não *posthumo*, excepto: quando se trata dos grupos *ch*, *lh*, *nh*, nos quais o *h* exerce uma função; ou no cazo de palavra composta de outra que tenha o *h* inicial, como *deshonra*, *deshabitado*.

— em suprimir de todo as letras *y* e *w* nas palavras da lingua:

— em empregar sistematicamente a grafia *ai* e *ãi*, e seus plurais, para os finais de palavras nas quais geralmente se uza *ae* e *ãe* e seus plurais, como *cai*, *pai*, *mãe*, *ideais*, *quais*, *normais*, em vez de: *cae*, *pae*, *nae*, *ideaes*, *quaes*, *normaes*; bem assim em preferir sempre o *i* inicial para as palavras que é costume escrever indiferentemente com *i* ou *e*, como *igreja*, *idade*.

O que fôra de tais regras fôr encontrado no presente livro deve ser levado á conta de erro de re-

vizão. E de erros desses está o livro inçado, seja dito por demais.

(C)

Pag. 4 — *Eu cantarei de amor tão fortemente...*

Este primeiro verso de um dos sonetos do livro é quasi repetição do primeiro verso no II soneto de Camões; mas nisso se resume a semelhança entre as duas composições, como se verificará relendo aqui a do grandíssimo poeta:

Eu cantarei de amor tão dôcemente
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temeroza ouzadia, e pena, auzente.

Tambem, senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa
Contentar-me-hei dizendo a menor parte.

Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagroza,
Aqui falta saber, engenho, e arte.

(D)

Pag. 27-37 — *Fugindo ao captiveiro.*

Por volta de 1887, ás vespéras da Abolição, despenhavam-se, em bandos cerrados, verdadeiras avalanches de escravos fugitivos, das fazendas de café no planalto paulista para o quilombo do Jabaquara, á beira do porto de Santos. No Jabaquara estava concentrada e organizada a proteção que toda a cidade, entusiasticamente abolicionista, lhes dispensava. Ali chegadas, eram livres, e estavam em segurança: alguns estabeleciam-se cultivando a terra e vivendo em choças que improvisavam; outros irradiavam pela cidade a ganhar a vida; outros ainda, a custo de subscrições que corriam facilmente, repatriavam-se por mar para a terra natal, quasi sempre em longinquoas provincias do Norte, de onde tinham anteriormente vindo vendidos.

Mas era difficil chegar á Terra da Promissão do Jabaquara; inumeras tentativas, as mais delas talvez, foram mal succedidas, frustradas pela diligencia dos senhores, a quem a força publica dava não forte, e pelos embaraços naturais do caminho — atravez de sertões, da Serra do Mar, que era preciso vencer evitando as estradas, as habitações, todo o socorro humano. Os bandos, miseraveis e famintos, tinham de marchar á noute e esconder-se de dia. O que ás vezes chegava afinal ao Jabaquara era uma procissão de espectros; e contaram-se por milhares os espectros que lá conseguiram chegar, homens, mulheres, crianças...

Num desses bandos, que fugia perseguido, uma

negra, exausta e desesperada, atirou ao rio Atibaia o filhinho que trazia nos braços. E' a esse epizodio, noticiado comovidamente pela imprensa do tempo, que a segunda parte da poezia se refere — mudando-lhe apenas o scenario e algumas minucias. O outro epizodio, com que termina a mesma poezia, é rigorosamente historico. Passou-se na Serra de Paranapiacaba tambem conhecida por Serra de Santos — trecho conhecidissimo da Serra do Mar. Um magote de escravos fugitivos foi alcançado pela escolta que o perseguia. Era num desfiladeiro. Enquanto os companheiros se salvavam dispersando-se na floresta virgem, um do bando, moço e atletico, armado de fouce, fez frente aos soldados vedando-lhes a passagem, matou um deles, feriu outros, e morreu combatendo. A autopsia revelou que ele não ingerira alimento algum havia tres dias. Chamava-se Pio esse Leonidas maltrapilho e esquecido de uma obscura raça que não teve historiadores nem poetas.

(E)

Pag. 42. — *O ouro leve do sol bubuia d tóa...*

No seu *Dicionario de Vocabulos Brasileiros*, o Visconde de Beaurepaire Rohan, citando Couto de Magalhães e José Verissimo, dá o verbo *bubuiar*, de origem tupi-guarani, como significando — *fluctuar no sentido da corrente*. Tem, como se vê, significação mais complexa do que o comum *boiar*; e ao autor pareceu mais expressivo do que seria este ultimo para indicar o movimento das manchas do sol mosqueando a ondulação da relva — pelas abertas da floresta sacudida da aragem.

(F)

Pag. 44 — *Alcateia uzurpando a face e a fórma humana...*

Apezar de ser de uzo vulgarissimo em classicos da lingua, e liberdade aceita de boa cara pelos mais barrancudos gramaticos, não ouzaria talvez o autor fazer, como nesse verso fez, concordar com um só o adjectivo que qualifica dous substantivos, si não se sentisse apoiado nisso pelo exemplo de Camões no Cant. I, estrofe LXXVII dos *Lusiadas*:

Onde vestindo a fórma e gesto humano.

(G)

Pag. 81. — Sonho póstumo.

O autor não está bem certo de que a um poeta corra obrigação rigorosa de justificar as concepções da sua fantasia. Seja como fór, apraz-lhe citar em abono da concepção geral da poezia *Sonho Póstumo* — que a alguns talvez pareça extravagante — palavras de um dos grandes mestres da sciencia contemporanea. Na sua obra *Lettres d'un voyageur dans l'Inde* (trad. franceza de Ch. Letourneau, 1883), tratando dos ritos funerarios dos pársis de Bombaim — que entregam os cadaveres dos seus á decomposição no ar livre, «sobre um dos pontos mais elevados e mais lindos da crista rochoza de Malabar-Hill, deante de um panorama esplendido, num jardim coalhado de esbeltas palmeiras e luxuriantes plantas tropicais em flôr» — escreve Ernesto Hækel, á pag. 68:

«Ce mode de sepulture semble revoltant à la plupart des Européens, et, dès l'antiquité classique, on considérait comme le plus grand des outrages de livrer un cadavre en pâture aux vautours. Mais, aux yeux du zoologiste, habitué à scruter les phénomènes, il semble plus poétique, plus conforme même à l'esthétique, de voir un corps bien aimé dépecé en quelques instants par le bec puissant des oiseaux de proie que de le voir abandonné à ce lent phénomène de décomposition, à ces rebutantes morsures de vers, qui font du mode de sepulture de nos peuples civilisés quelque chose de si terrible, de si dégoûtant, et de si contraire aux lois de l'hygiène... Mais que ne peut faire adopter le doux effort de l'habitude, ce levier si puissant de l'adaptation.»

(H)

Pag. 100.

Alma apenas capaz de adejar fugidica
E obrigada a pairar nas regiões da Justiça,
Em vãos leves de uma aza de beija-flôr,
Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor
Para do alto*melhor lobrigar a carniça...

Estes versos foram escriptos em 1904 ou 1905, antes de o autor ser magistrado, que hoje é, e quando exercia a profissão de advogado. A observação convém talvez, ainda que menos necessariamente, á estrofe que na mesma poesia figura á pag. 102:

Na solidão do mato, esqueço, ignoro — em suma:
Sou feliz. Dou suéto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma:
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Pesso orgulhosamente a ser couza nenhuma.

(DA SEGUNDA EDIÇÃO)

(I)

A ortografia do livro

Os *Poemas e Canções* apareceram em meados de Novembro de 1908; o autor foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em Maio de 1909. É natural que, tendo a honra de pertencer àquela corporação, adople o autor, por devida coerência, a ortografia oficial da Academia; e assim pretende fazer no que ulteriormente publicar. Quanto a este livro, por se tratar de obra já feita e publicada, entendeu o autor que nele devia conservar a ortografia mixta adoptada para a primeira edição.

(J)

Pag. 29 — *A mata é tropical...*

Foi notado que, descrevendo a floresta tropical, não se referisse o autor a insectos e a serpentes, partes tão características da nossa mata virgem.

Houve para isso uma razão, a que fôram sacrificados os efeitos esteticos a tirar daqueles dous elementos: trata-se, na poezia em questão, de scenas passadas em noute e manhã de inverno; e, na região descripta, não aparecem durante o inverno serpentes ou insectos.

(K)

Pag. 40 — ...esboçando

— *No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...*

Convirá talvez deixar explicado aqui aos que não conheçam a natureza, flagrantemente distincta em cada um deles, do litoral e do planalto paulistas — separados ambos por uma altitude de talvez 800 metros em media — que duas diferenças neles se fazem notar de primeira vista: nos amplos varzados do litoral o chão é arenozo, de uma clara e fina areia; no terreno ondulado do planalto, a terra é quazi sempre vermelha. Quanto á vegetação, na do interior predomina um verde carregado, intenso, a côr vigorosa das plantas em boa terra; á beira mar, a confuza vegetação das varzeas e jundús tem um tom caracteristicamente desmaiado.

(L)

Pag. 73 — *Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros...*

Tem sido por varias vezes censurada a poetas brasileiros deslocarem, por mera sugestão literaria,

para os mezes da primavera europêa a nossa. E' sabido que em nossos climas, campos e matas florescem de Setembro a Novembro, com os primeiros calores e as primeiras aguas. Entretanto, é certo que, no litoral paulista — que é o que o autor conhece — ha em Abril e Maio uma segunda, e porventura mais soberba primavera, na qual, sob um céu deliciosamente claro, as varzeas reflorescem abundantemente. Por Abril e Maio tem o autor notado, em certos trechos de varzeas á beira mar, até nove especies de plantas profuzamente floridas — arbustos, fepadeiras, ou hervas; e nessa rica florescencia em que inumeras côres se destacam ou se misturam, desde o branco de neve até o amarelo de ouro, avultam, pela abundancia que invade troncos, ramadas e folhagens, a flôr de Maio, tão cheiroza, e do manacá, de um rubro vivissimo, e as do nhacatrão, umas brancas, outras rôxas, outras vermelhas, confundidas na mesma arvore e no mesmo broto...

Não pôdem, pois, ser com justiça acoimados de impropriedade, e de exprimirem uma simples impressão litteraria, os versos em que se diz que:

*Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro...*

(M)

Pag. 100 — *Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabocla do europeu...*

O Brazil é, pelo menos no mundo moderno, a unica grande região em que se realizou por completo

a fuzão de tres raças. O povo brasileiro é um resultado iniludível dessa fuzão — em que peze á velei-
dade dos que querem que impemos de latinos. Agrade ou desagrade isso á nossa vaidade, somos mestiços; é como mestiços que nos estamos consti-
tuindo uma grande nação; como mestiços cum-
priremos os nossos destinos. O autor deste livro é dos
que pensam que devemos cultivar com carinho o sen-
timento das nossas tradições, e ambicionar a criação
de uma existencia original, como originais são o nosso
meio fisico e a nossa individualidade etnica; e não pre-
cisamos desviar-nos açodadamente do nosso caminho,
para correr sobre os passos dos outrós, e conquista-
tar, pela imitação, uma apagada existencia artificial
e uma incaracteristica civilização de mero reflexo.



(N)

Induzidos em erro por uma frase, realmente redigida com infelicidade, da *Nota (A)* — muitos leitores dos *Poemas e Canções* supozeram que fôra intenção do autor fazer deste livro uma coleção escolhida de toda a sua obra poetica, e reclamaram, cada um ao sabor das suas simpatias, e todos com grande benevolencia, contra o facto de não figurarem no volume algumas poezias contidas em outros anteriormente publicados pelo autor. Diz a *Nota* em questão que o autor «enfeixou nos *Poemas e Canções* o que lhe pareceu menos mau na sua resumida produção poetica dos ultimos vinte anos»; e isso deu cauza ao equívoco. Infelizmente — e infelizmente porque a idade não é uma riqueza — os vinte anos a que se refere a *nota* não são toda a vida literaria do autor, e sim apenas uma parte dela. Si o autor não incluiu nos *Poemas e Canções* algumas das poezias que figuravam nos seus livros da mocidade, não foi porque as desdenhasse, mas porque o volume só continha, e só devia conter, versos escritos posteriormente á publicação das *Ardentias* (1885) e do *Relicario* (1888). Foi contando da data em que veio a publico a primeira edição do *Relicario*, que o autor achou os vinte anos de que fala a referida nota. Mas ainda nesse calculo cometeu um erro, que é oportuno relluciar, agora que está a sair do prelo outro volume com o título *Versos da Mocidade*, no qual se reuniram a materia das *Ardentias* e do *Relicario*, poezias escritas de 1889 a 1894.

A produção poetica do autor teve uma interrupção, absoluta e intencional, que se prolongou de 1894 até 1899 ou 1900. Em todo esse periodo, por motivos que seria enfadonho expôr, e dos quais bastará ficar dito que se prendiam a convicções filozoficas, absteve-se o autor de escrever versos. Só por volta de 1900.

de volta dessa longa ausência, se deu de novo aos seus velhos amores, do metro e da rima. Com excepção das poezias *Fugindo ao cativoiro*, *Palavras ao Mar* e *Ternura do Mar*, escritas, ou antes esboçadas entre 1889 e 1894, mas completamente refundidas, muito depois, com excepção dessas trez poezias, todas as que figuram nos *Poemas e Canções* fôram produzidas de 1900 a 1908.

Os vinte anos a que se refere a malsinada nota reduzem-se, assim, a oito ou nove; e o erro veiu de ter-se o autor, quando a redigia, lembrado apenas de que fizera as *Ardentias* e o *Relicario*, havia vinte anos, esquecendo de todo que, depois daqueles livros, escrevera ainda até 1894 versos que haviam ficado esparsos em jornais, ou esquecidos em manuscrito. A vida literaria do autor teve, pois, realmente, duas fazes distinctas, mas que não fôram assignaladas uma e outra, como lhe pareceu irreflectidamente ao redigir a nota (a), pela produção das *Ardentias* e do *Relicario* a primeira, pela dos *Poemas e Canções*, a segunda. O que na realidade separou entre si as duas fazes foi a solução de continuidade que suspendeu a sua produção desde 1894 a 1900.

A explicação de couza em si tão insignificante só tem importancia como meio de prevenir um falso juizo: o de supôr-se que o autor, por desdenhal-as, deixou de incluir no presente volume as poezias escritas de 1894 e 1900, e que breve aparecerão nos *Versos da Mocidade*. A razão dessa falta foi, não o tel-as o autor deixado propositalmente á margem como indignas de figurar nos *Poemas e Canções*, mas o tel-as simplesmente esquecido.



APPENDICE



ACADEMIA BRAZILEIRA

VICENTE DE CARVALHO

A Academia Brasileira de Letras acaba de eger, por 25 votos, para a vaga de Arthur Azevedo, naquela instituição, o nosso ilustre colaborador Vicente de Carvalho.

O inspirado poeta é hoje um nome popular no Brazil. Mas, é sobretudo em S. Paulo, onde nasceu e onde sempre exerceu a sua actividade, que o distincto escriptor tem uma larga roda de admiradores. Todos aqui o conhecem e admiram como poeta, «conteur», polemista e... pescador. Agora respeitamo-lo tambem como juiz ilustrado e integro.

Aqui o vimos, com a extraordinaria maleabilidade do seu talento, passar da poezia para o jornalismo militante, deste para a politica e da politica para o governo do Estado, onde, na Secretaria do Interior, deixou brilhantes traços da sua passagem, criando serviços como o de hygiene, e lançando as bases do complicado aparelho administrativo que hoje possuímos nesse departamento. Vimol-o ainda surgir de novo no jornalismo, depois de uma longa passa-

gem pela advocacia, para afinal chegar á magistratura em que provavelmente encontrará a sua posição definitiva.

Através de todas essas modalidades, conservou-se sempre puro o artista, -- o poeta. Foi incontestavelmente ao poeta que a Academia concedeu a alta honra de receber em sua ilustre companhia.

A proposito da eleição de Vicente de Carvalho para a Academia Brasileira de Letras, é interessante compendiar, em ligeiros extractos, as manifestações de alguns académicos a respeito dos «Poemas e Canções», e da candidatura do poeta.

Eil-as:

«...Vicente de Carvalho é, para os que o conhecem, um poeta paulista. Não porque se tenha especializado a cantar coizas de S. Paulo. Não porque lhe falte para hombraear com os nossos maiores poetas. Mas fão só e unicamente porque vive e produz em S. Paulo. E essa circumstancia o fecha mais para nós do que se fôsse um poeta francez de segunda ou terceira ordem. No Brazil não ha paiz menos conhecido que o proprio Brazil...

«Poemas e Canções» é um livro admiravel... Sua poezia não é da que só provoca elogios em diminutivo: não são sonetinhos em que ha uma idéasinha laboriozamente traduzida nos quatorze versos da fórma consagrada. Não são pequenas habilidades poeticas.

O que ha no livro é uma rajada de inspiração. São versos de larga factura. São descripções soberbas. São narrações admiraveis. E quando é pré-

ciso fazer alguma coisa leve e graciosa, o esculptor de estatuas sabe tambem produzir uma delicada peça de filigrana poetica... «Fugindo ao captiveiro» é uma poesia cheia de vida e inspiração... «Palavras ao mar» são um sopro vibrante de lirismo... «Toza, Roza de amor...», é um poema delicadissimo, uma pagina de ternura, de saudade, de tristezas...

...E quando esse grande poeta quer fazer uma pequena joia de filigrana, um «bibelot» artistico, sabe tambem escrever assim:

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
Ido o rigor que em vosso pecto mora,

A mudança será para nós dois:
E então poderéis vêr, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

Vicente de Carvalho está bem na primeira fila dos poetas brasileiros. E' dos maiores e dos melhores. Seu livro é um livro magnifico.

Nada disso se precisaria dizer e escrever se elle vivesse e escrevesse aqui na Capital Federal. Mas ainda uma vez convém repetir que não ha paiz mais desconhecido no Brazil que o proprio Brazil...»

Medeiros e Albuquerque

«Vicente de Carvalho é um dos maiores poetas da nossa lingua...»

Luiz Murat ²

1 «Chronica litteraria», na *Noticia*.

2 No *Jornal do Commercio* de 15 de fevereiro de 1909.

«Que outros definam o lirico gentilissimo de «Roza, Roza de amor...», a inspiração piedosa e casta do «Pequenino Morto», ou os sonetos onde tão velhos temas se renovam.

De mim satisfaço-mé com haver tentado definir o grande poeta naturalista que nobilita o meu tempo e a minha terra».

Euclydes da Cunha ¹

«Ao grande poeta Vicente de Carvalho todo o meu entusiasmo e todo o meu coração agradecido pelo formozo livro «Poemas e Canções», cujas «Fanzazias do luar» já sei de cór, bem como alguns trechos de «Roza, Roza de amor...»

Alberto de Oliveira.

«...Intensa, delicioza, inefavel impressão cauzou-me a leitura do soberbo volume. Extraordinario: todo inteiro magnifica antologia; consagrando definitivamente o autor como lirico insigne — dos mais nobres, dos mais vibrantes, dos maiores até hoje conhecidos no Brazil e em Portugal.

Sinto não dispôr senão de um voto na Academia. Dal-o-ei, com o coração entuziasmado e enternecido, ao soberano artista dos «Poemas e Canções», — como quem atira pequenina flôr ao heróe que passa, aclamando-o e bendizendo-o...»

Affonso Celso.

1 Prefacio dos *Poemas e Canções*

«Com muito gosto e admiração, e frequentemente, como visto, li todos os seus «Poemas e Canções», e pelo prazer que com eles me deu lhe beijo as mãos».

José Verissimo.

«Escrevo-lhe com a alma a vibrar ainda, cheia da sua sonora muza...»

Sabe v. muito bem como o admiro e amo... O ser membro da Academia nada lhe aproveitará. Em lugar mais alto lhe dará assento a sua gloria, que é verdadeira e grande...»

Raymundo Corrêa.

«Agradeço-lhe o gozo que me proporcionou o seu livro «Poemas e Canções», cuja encantadora exaltação, tão rica de coisas novas e belas, criou em mim mais um devoto para o numero dos seus admiradores. E' com a intima satisfação de quem cumpre um dever sagrado que aproveito a grata ocasião que me proporciona de lhe manifestar o meu apreço, enviando-lhe o meu voto para o preenchimento na Academia de Letras da vaga aberta pela morte do meu querido irmão Arlhur Azevedo».

Aluizio Azevedo.

(Nápoles).

...«Para deliciar-me e pôr um pouco de calma neste torvelinho, mandaste-me o teu livro. Vou escrever algumas palavras sobre ele, não de critica, que não sei fazer tal coiza — direi a minha impres-

são aos berros, sacudindo gestos desabalados, á maneira do Ferri prodigioso e decomposto...»

Coelho Netto.

«Ha no teu livro paginas que qualquer dos nossos maiores poetas quereria ter escripto. Algumas já sei de cór, e tenho relido todas. Na última sessão da Academia falou-se dele, e todos, o Ruy Barboza inclusivé, manifestaram-se com grandes louvores»...

Rodrigo Octavio.

...«O teu livro trouxe-me os dons suaves, peregrinos, da poezia sentida e vivida, tão rara hoje. Dado o justo louvor ás vastas composições, como «A partida da Monção» e «Fugindo ao Captiveiro», acho que sobretudo nas paginas de amor se encontram trechos dos mais lindos da nossa lingua, e alguns versos dos mais expressivos, dos mais ricos de alma - que eu tenho lido em minha vida...»

Magalhães de Azeredo.
(Roma).

«Acabo de receber os teus «Poemas e Canções», que vou lêr com a maxima atenção, antegozando já a delicia espiritual que eles me vão proporcionar. Ahí vae o meu voto escripto para a eleição da Academia Brasileira...»

Garcia Redondo.

«Ainda sob o encanto dos seus «Poemas e Canções» agradeço-lhe infinitamente os momentos de puro enlevo artistico que devo á sua leitura, posto que sómente ouvida, e peço-lhe que me conte no numero dos seus mais fervorosos admiradores».

Lucio de Mendonça.

«Recebemos hoje, eu e minha mulher, ¹ o teu livro dos «Poemas e Canções». É uma obra de grande e pura poesia, que (são onze horas da noite) acabamos de lêr maravilhados.

Esse livro de arte perfeita e magnifica produzirá com certeza um ruido de abalar montanhas, e estou certo que poucos Academicos, depois de o lêrem, terão coragem de te negar o voto»...

Filinto de Almeida.

«...Póde acreditar que terei enorme prazer em voitar no seu nome, porque reconheço-lhe a fibra de um poeta verdadeiramente notavel».

Sylvio Romero.

...«Felicito as letras nacionais, acrescentando o meu pequeno louvor ao côro de aplauzos com que têm sido saudados os «Poemas e Canções»...

Desde muito tempo, o seu nome devia figurar entre os da Academia, da qual tem tantos e tão justos títulos para fazer parte»...

Souza Bandeira.

1 A illustre romaucista D. Julia Lopes de Almeida.

«O seu livro, infelizmente, não me chegou ás mãos. Suponho que se tenha extraviado no correio. Não dezejo perder essa leitura, que tão grata me será, e por isso tomo a liberdade de prevenil-o. Já mandei o meu voto. O Affonso Arinos escreveu-me que vai mandar o dele».

«...Reccebi afinal o volume das suas formosissimas poezias, que me fez grandissimo prazer... Antecipolhe minhas felicitações pela sua eleição, que considero felizmente assegurada. A escolha honra a Academia, e nela folgo de participar»...

Oliveira Lima.
(Bruxellas).

...«Pela enfibratura mascula de seus versos V. é um dos nomes incontestavelmente mais dignos de figurar na Academia Brasileira...»

«ALMIRANTE JACEGUAY».

«...Li com real prazer o livro do Vicente, mas senti falta de algumas poezias de outros tempos, que eu trago ainda de cór... Queres uma prova de quanto é fiel a memoria quando a impressão vem da adolescencia? Aqui vai um soneto do Vicente que li ha, pelo menos, vinte anos:

D. FLOR

Ella é tão meiga! Em seu olhar medroso,
Vago como os crepusculos do estio.
Treme a ternura como sobre um rio
Treme a sombra de um bosque silencioso.

Quando nas alvoradas da alegria
A sua boca humida floresce,
Naquele rosto angelical parece
Que é primavera, que amanhece dia.

Um rosto de anjo, límpido, radiante...
E contudo esse angelico semblante
Disfarça e esconde uma alma de mulher

Que a rir-se esfolha os sonhos de que eu vivo
Como utirando ao vento fugitivo
As folhas sem valor de um malmequer...

O autor achará hoje mil defeitos de fôrma, de imagens, nesses versos que me serviram para exprimir sentimentos meus, ha vinte annos, tanto que não me esqueceram... Isso prova ao mesmo tempo que eu conheço, aprecio e acompanho o Vicente ha vinte annos. Não preciso dizer mais para que compreenda que lhe darei, de todo o coração, o meu voto...»

Affonso Arinos.
(Pariz).

«Recebi o seu bellissimo livro «Poemas e Canções». Sou um admirador do seu talento, e darei com prazer o meu voto para que tão egregio espirito entre para a Academia Brasileira...»

Clovis Berilacqua.

«...Os «Poemas e Canções» são um belo livro, e com este adjectivo sincero e um abraço que não o é menos, digo-lhe toda a impressão que ele me tem causado. Vou lendo-o com o vagar que merece a sua obra cuidadoza e acabada. Quanto á eleição, já você deve saber que o meu voto é seu...»

Mario de Alencar.

«Estou lendo e saboreando lentamente, com grande encanto, os «Poemas e Canções». Também eu estou doente — e de doença que é a triste recompensa dos que vivem, como nós, pelo cerebro, — a neurastenia... Parto para a Europa no dia 2 de dezembro, em busca de repouzo. Terá o meu voto, se a eleição fór antes disso, ou se a Academia consentir que eu o deixe por escripto. Adeus, velho e ilustre amigo... Um grande abraço do

Olavo Bilac.

«...Ora se eu assim me manifestava antes de lér os «Poemas e Canções», compreende que semelhante leitura robusteceu minha rezolução. Você é um poeta lirico á Heine e á Garrett, e tem como eles notas igualmente epicas e dramaticas: é um grande poeta que nos faltava».

Heraclito Graça.

«Tres ou quatro poetas brasileiros poderiam ter escripto o «Fugindo ao Captiveiro»; nenhum escreveria o «Pequenino Morto...»

Salvador de Mendonça.

«...Já conhecia a «Roza, roza de amor...» e ha de estar lembrado de que comentei esse poemeto com uns cartões postais fantasticos, que me caíram por acazo nas mãos, e estavam a calhar como illustrações daquela intriga amorosa e interessante. ¹

¹ Em 1904, e durante multos dias, o illustre escriptor levou enviando alternamente ao poeta duas colecções, uma assignada Araripe Junior, outra com o conhecido pseudonimo Cosme Velho, de cartões postaes, cada um deles contendo versos extraídos de «Roza, roza de amor...» e applicaveis ao sentido dos cartões. E' a isso que se refere a carta.

Quanto aos outros poemetos, pela variedade, dão ao livro um grande encanto. O poeta, e V. o é como quem mais o possa ser, — o poeta variou de claves, e poz em cada verso uma nota, se não em todas as paginas, original, em muitas, fóra do comum.

Entre o que ha de epico no urro daquele preto, que se defende a si e á sua raça, na scena tragica do Cubatão, morrendo como um heroe antigo, e a graça picaresca, algo ironica, da «Carta a v. s.ª», encontro duas poezias sobre o mar, nos seus aspectos mais profundos, as quais, pela elevação do sentimento que as ditou e alevantado lirismo que nos suspende sobre as suas azas, poderiam ser assignadas por qualquer poeta consagrado.

Não o estou lizonjeando. Estas palavras são escriptas em cima do livro que acabo de folhear; e obedecem á impressão affectiva que produziram espontaneamente em meu espirito os seus versos formozissimos».

Araripe Junior.

D'O Estado de S. Paulo.





POEMAS E CANÇÕES

DO

SR. VICENTE DE CARVALHO

Entre os raros poetas contemporaneos de estro verdadeiramente original, o sr. Vicente de Carvalho figura com o destaque singular, produzido pela aliança perfeita de metrificacão correctã, imaginaçãõ creadõra e profundo sentimento subjectivo.

Nãõ é um estreante, como poderia fazer supõr o seu nome, aqui entre nõs poucas vezes ouvido, por culpa da lamentavel ignorancia em que vivemos da produccãõ mental do paiz, estranha á Capital Federal, segregudos uns dos outros os varios nucleos da actividade intellectual brazileira, quais grupos de alheias gentes; ha bons vinte anos que ele verseja e nãõ é de agora que atingiu á suprema floraçãõ de sua arte.

Alma votada ao culto apaixonado da natureza, é á expressãõ, ao mesmo tempo pinturesca e emotiva, descriptiva e abstracta, dos seus aspectos esteticos que de preferencia consagra os admiraveis poemas e canções, hoje reunidos em volume.

Com excepçãõ apenas do poemeto *Rosa, rosa de*

amor..., de que a Livraria Laemmert deu, em 1902, uma edição, de ha muito exgotada, consta de poezias esparsas, escriptas em diferentes épocas e, ás vezes, com largos intervalos.

Declara modestamente o Autor ter enfeixado nele o que, no ponto de vista puramente estético, lhe pareceu menos mau em sua resumida producção poetica dos dois ultimos decenios.

Na escolha das peças reunidas adoptou, como criterio, preferir as que supôz exprimirem menos mal, isto é, em fraze simples e corredia, com imagens sobrias e mais ou menos claras e fieis, idéas concebidas com logica, sentimentos sinceros, impressões recebidas.

Dominado de fino bom gosto, absteve-se cauteloza-mente de extravagancias aparatozas, quer de idéas abstruzas, quer de sentimentos artificiais, ou de frazes complicadas, ou de palavras meramente decorativas.

E assim a sua muza tem a beleza vigorosa e sadia das ninfas da Helade, castamente nuas, altivamente humanas, soberanamente divinas.

Filho de Santos e creado naquele pitoresco litoral paulista ericado de penhascos bravios, recortado de enseadas profundas, semeiado de ilhas verdejantes e batido pelas vagas rumorozas do Atlantico, o sr. Vicente de Carvalho tem a obsessão do mar, fonte de inspiração da maioria de seus versos.

Este sentimento dominante reveste-o de mil fórmas diversas, ao sabor das emoções que lhe desperta o spectaculo tão vario das aguas infinitas.

Assim, nas *Palavras ao mar*, verdadeiro hino naturista, transfunde-lhe a propria sensibilidade, ir-

mana-se com ele no anseio dos mesmos sonhos, na colera de identicas revoltas e termina dizendo ao

Mur, belo mar selvagem...

.....
 Ninguém entenda embora
 Esse vago clamor, marulho ou versos,
 Que sai da tua solidão nas praias,
 Que sai da minha solidão na vida...
 Que importa? Vibre no ar, acorde os céus
 E embale-nos a nós que o murmuramos...
 Versos, marulho! Amargos confidentes
 Do mesmo sonho que sonhamos ambos.

Em *A Ternura do mar* o tema difere; mas, a vibração subjectiva é a mesma: a alma do oceano, ebria de amor, eleva á lua, que vem

.....nua e clara
 Subindo os horizontes...

um cantico repassado de intima doçura sensual.

Em *Olhos Verdes*, esta joia entre as alfaias do *Rosa, rosa de amor...*, o motivo da comparação é ainda o mar:

Olhos encantados, olhos côr do mar
 Olhos pensativos que fazem sonhar...

O poeta revê nas pupilas prazinas a superficie calma das aguas de esmeralda, onde o afiar da briza provoca

Bruscos arreptos de mulher hetjada.

Além do mar, o sr. Vicente de Carvalho canta o amor com uma veracidade de emoção, delicadeza de imagens e pertinencia de epithetos que dão ao seu lirismo a nobre feição airoza dos melhores tempos da poezia portugueza.

Os sonetos admiráveis da primeira parte do volume, as *Fantazias do Luar*, as *Cantigas Praianas* e os versos, de varios metros, do já citado poemeto final são dos mais dōces, suaves e graciosos jámais burilados no patrio idioma.

Apreciem os meus leitores o sainete genuinamente camoneano destes formozos decasilabos:

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Não de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajozo e mendigando agrados,
Mas tal como é: rizonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a dezejar se atreve
Do que merece: eu te amo e o meu dezejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo e não gemo; avanço e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' gallarda conquista do teu beijo.

Ou admirem comigo a fórma peregrina de que o artista eximio soube revestir o velho tema da luta entre a paixão e o dever, no choque dos contrastes deste outro soneto:

«Alma serena e casta, que eu perslgo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castlgo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo:
E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminoso e condemnado.

Se sempre pura! Eu com denodo engolto
 Uma ventura obtida com teu damno,
 Bem meu que de teus males fosse felto.»

Assim penso, assim quero, assim me engano...
 Como se não sentisse que em meu peito
 Pulsa o covarde coração humano.

No genero, poucos rivais lhe conheço e nenhum
 que se lhe avante na sobriedade, no ritmo e na
 singeleza.

Nenhum dos nossos parnazianos tambem já produziu versos que sobrelevem, em engenho e em execução, aos quartetos soberbos d'*A Invenção do Diabo*; cerco dia Satanaz, na eterna faina do mal, penetrará no paraizo e ali vira, na boca de Eva adormecida

.....abriram-se, orvalhadas
 De um suspiro de amor, as rozas de um sorriso,

E foi sómente então que o Principe da Treva
 Imaginou o Amor furlozo e desgrenhado,
 E rezolveu fazer dos rozeos labios de Eva
 O calix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rozas ao sereno
 De ceu do amanhecer franjado em rozieler...
 Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
 Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

Mas, a lira do poeta não tem sómente estas duas cordas: além de cantar superiormente o mar e o amor, o sr. Vicente de Carvalho ensaia-se com brilhantismo egual em outros dominios de sua arte.

Tem a piedade meiga do Guerra Junqueiro d'*Os Simples* nas estrofes plangentes do *Pequenino Morto*; revela grande poder descriptivo a intensa compreensão da alma aventureza dos antigos paulistas em *A Partida da Moução*, epizodio tipico na historia da-

quela forte sub-raça e inspirador de uma das melhores tólas do malogrado Almeida Junior, e finalmente, ainda em *Fugindo ao Captiveiro* o pitoresco das descrições nada perde com o sopro heroico que atravessa a narrativa epica daquela derradeira scena da tragedia expirante da escravidão.

Poeta completo, pois, reúne aos predicados extrinsecos da composição os dotes proprios de um estro original, o sr. Vicente de Carvalho é sobretudo admiravel cantor da Natureza.

Muito propozitadamente deixei para lêr depois dos versos e depois de escriptas as linhas acima, o magnifico prefacio que o sr. Euclides da Cunha, patricio e amigo do poeta, pôz *Antes dos versos*.

O laureado autor d'*Os Sertões* possui, com efeito, um talento de vigor tamanho, qualidades de pensador e de estilista tão singularmente poderosas, exercendo sobre o leitor ação de tal modo absorvente e dominadora, que os seus prefacios, lidos na ordem natural, não só impõem fatalmente a convicção dos seus juizos como parece apagarem o lustre dos livros, neles apreciados e resumidos, por mais brilhante, porventura, o tenham.

Com a sua extraordinaria capacidade synthetica, com o deslumbrante fulgor de sua linguagem tauxiada de antitezes, com a sua pasmoza opulencia de idéas e a maneira personalissima de expressal-as, o meu admirado amigo é um destes cezares do pensamento, a cujo imperio o comum das inteligencias se submete em voluntaria obediencia.

() que eu queria era travar conhecimento com a individualidade artistica do sr. Vicente de Carvalho, sem opiniões preconcebidas e livre das sugestões inelutaveis do seu temerozo paraninfo.

Usando daquelle artificio consegui fugir-lhe ao dominio, formar conceito proprio dos *Poemas e Canções*, e, por fim, lido agora o prefacio, verificar orgulhosamente a inteira concordancia dos meus assertos com os do sr. Euclides da Cunha, na tentativa de definir grande poeta naturalista que é o sr. Vicente de Carvalho.

E ja é tempo de sagral-o como tal:

Alfredo de Carvalho.

Do Jornal do Recife.





DOIS DEDOS DE PROZA

Sim, todos os dias aparecem livros de versos no Brazil, mais fértil ainda em veias poeticas do que em veios auríferos: mas quando apparecem versos como estes dos *Poemas e Canções* que o illustre e admiravel poeta Vicente de Carvalho acaba de publicar? Oh, estes raramente, visto que os seus merecimentos são excepcionais. Já o li, já o reli, enfeitada pelas suas rimas claras e naturais, pelo seu ritmo perfeito: pelo sentimento que se evola deles, como de uma caçoila se evola o aroma penetrante das mais cheirozas rezinas, sentimento que nunca é deshumanizado por arroubos, de mera fantazia, porque mesmo levado pela maior rajada de idéal ou de sonho, goteja o sangue de um coração de carne.

Ha mesmo idéas já exprimidas por outros espiritos e mais ou menos sentidas por toda a gente que medita ou que sofre, que no marulho harmoniozissimo das estrofes deste poeta adquirem um encanto novo. E entretanto, ele é simples, e natural.

Aqui tem por exemplo o leitor este soneto para prova:

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada ;
Nem é mais a existência resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ancioza e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagroza que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim ; mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca pomos onde nós estamos.

Para adorar este soneto não é mister carregar dentro do peito o cadaver de uma esperança irrealizada, o que aliás acontece a quazi toda a gente; basta ter gosto e intuição artistica.

Digam embora os poetas que o verso, a maior parte das vezes, não reflecte senão imagens irreais de um mundo supôsto, a verdade é que está dentro da moldura das suas silabas o espelho mais cristalino da nossa alma. Basta lembrar que o segredo que a proza não se aventura a revelar, porque a proza é a rua, é o bulicio, é a multidão; o verso dil-o serena, desnudadamente, na sua linguagem de divindade intangível. E são esses segredos recatados ou dolorozos que saem nús da espuma das rimas, como a Venus da espuma do mar, que fazem vibrar a nossa sensibilidade, como se também fôsem nossos... O livro de Vicente de Carvalho é um livro admiravel, um livro de poeta de raça e de artista que atingiu á culminancia da sua arte.

Bastaram os cinco sonetos do «Velho tema» com que abre o livro para lhe dar um lugar ao lado dos nossos primeiros poetas. Mas o poeta vôa mais alto e nem todos os seus temas são velhos.

Versos ao mar nunca talvez ninguém os fez no Brazil com tão vibrante entusiasmo. O poeta penetrou a alma do monstro e subiu ao monte consagrado para lhe repetir os clamores, as queixas e os arrulhos. E' o tritão de buzio sonoro, que amolina os ares com as vozes marinhas e procura comover a Terra esquiua.

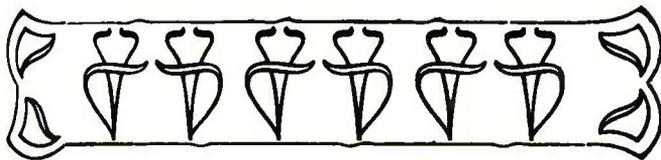
Mas ha por todo o livro um sopro de bondade, de generosidade e de amor, de tanta poezia e tanta arte saturado, que fica vibrando na alma do leitor. Com este livro dos *Poemas e Canções* bate Vicente de Carvalho á porta da Academia Brasileira. Estou certa de que ela não deixará de ouvir as pancadas sonoras e de vir abril-a pressurosa.

Elle bate com uma aldrava de ouro.

Julia Lopes de Almeida

D'O Paiz.





DISCUSSÕES

Os «Poemas e Canções», de Vicente de Carvalho, aparecendo sabado, deram um ultimo lampejo de sol á escura e chuvoza semana, em que não houvera uma só das tradicionais tardes belas de novembro!

Discutam, embora, Ferri, de um lado, Sentroul e João Gualberto, de outro, os pavorozos problemas da mais alta, ou mais profunda, filozofia... nada vale, para mim, como este primorozo livro de tantos versos dócios e tantas estrofes inebriantes! O meu livre arbitrio me importa o mesmo que o livre arbitrio de um gato, e pouco se me dá que se concilie, ou não, a liberdade humana com a omnisciencia de Deus.

Nos complicados meandros dessas questões subtilissimas, a minha atenção se fatiga; e bem reconheço que só a arte me seduz, me encanta e me prende; a mais grave sciencia, ainda que seja tão «certa» como a lei de quadrado da hipotenuza, não é capaz de arrebatar a gente como a grande aria da «Tosca».

Não ha duvida que tambem Ferri é maravilhozamente adoravel, e até perigozo, de tão adoravel que é. Por isso mesimo, estava ele em Buenos Ayres, e

já os nossos campanarios carrilhonavam a rebate, a partir ali de S. Bento:—foi-lhe este o maior e melhor dos preconicios, porque, desde então, elle passou á categoria de um belo fructo prohibido, e o povo, logo, com vontade de saborear esse fructo...

Mas... voltemos a Vicente de Carvalho cujas poezias acabo de devorar, — se é que tão feio verbo não fica mal aplicado ás mais finas producções de espirito. Li avidamente as poezias, e aqui venho trazer-lhes as minhas impressões, de primeira leitura... que não bem a minha critica; porque detesto cordialmente essa função litteraria subalterna, que só consiste na gloza, aliás nem sempre feliz, de alheias composições.

Não ha absurdo que não tenha saído da pena de eruditos exegetas e comentadores, a começar pelos helenistas que, achando impossivel a existencia de um só Homero genial, não puderam explicar a «Iliada» e a «Odyssea» senão pela existencia de muitos genios homericos... Em geral, o critico é um homem que verifica a muzica da fraze pela contagem pueril dos dedos, e sómente á custa de laboriozas polegadas de não consegue vencer a distancia que o talento percorreu apenas de um vôo, largo e possante!

Já o povo, ao contrario, com toda a sua espontaneidade inculta, e, por isso mesmo, não pervertida, é melhor juiz do que certos pretenciozos doutores:—basta-lhe o simples tinido, para que ele julgue do verso, como costuma julgar dos quilates da moeda.

O povo é, além disso, um dos termos do dualismo, na retação necessaria entre o artista e o «meio».

Mau grado a estulta filauca dos «estetas» que se lêm na conta de atenienses incompreendidos, na fria indiferença de uma horda de barbaros, não ha,

como já se observou, nenhum deles que não aspire ás consagrações populares.

A escola romantica, succedendo ao seculo da revolução franceza, arvorou, segundo Victor Hugo, a bandeira do liberalismo na arte; e a sua mesma denominação lembrava o «romance», dialecto e temas vulgares, que se contrapunham á literatura classica, artificial e aristocratica. Para cessar o divorcio entre os escriptores e o publico, a sociedade nova exigia uma nova beletristica, que se inspirasse nos fastos nacionais e na fonte directa do coração humano.

Nesle sentido bom, eu penso não andar muito fóra da verdade quando vejo em Vicente de Carvalho um poeta ainda essencialmente romantico, ao menos quanlo á inspiração, vazada naquêlé apuro de fórmula de que não podemos prescindir, depois da influencia dos parnazianos.

O romantismo se bifureou, por toda parte, em duas tendencias perfeitamente assignalaveis: a historica e a sentimental; assim, na Inglaterra, Walter Scott iniciou a primeira, e a segunda foi representada pela celebre escola do Lago, cujo nome proveiu de seus principaes escriptores, como Wordsworth, Coleridge e Southey, morarem perto dos lagos de Westmerland e de Cumberland.

Pois Vicente de Carvalho tambem nos apresenta a feição puramente subjectiva e patetica, pela renovação dos velhos temas liricos, como em sua incomparavel «Roza, roza de amor...», e a feição tradicional paulista, com tanta felicidade acentuada em «Fugindo ao Captiveiro» e na «Partida da Monção».

Fazendo do seu prefacio em proza uma especie de fecho de bronze para o novo «relicario» de oiro,

Euclides da Cunha definiu Vicente de Carvalho como poeta naturalista e, principalmente, como cantor do mar. Sob esse aspecto, ele é no verso o que Virgílio Várzea é no conto, e Benedicto Callixto, na pintura.

O vate santista, que é o primeiro dos nossos vates regionaes, não se deixou arrastar nem pelos escriptores «malditos», que se fingem de demonios, nem pelos abobados representantes seraficos de um misticismo de emprestimo.

Da maneira simbolista, ha só, aqui e ali, parcimoniozos vestigios, como, por exemplo, na delicada elegia do «Pequenino morto».

Terminando a encantada leitura dos «Poemas e Canções», eu senti que o autor realizára a boa e sã poezia:— sincera e congruente na essencia, cristalina e corredia na fluidez da fórmula...

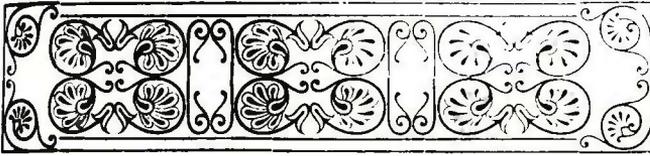
Venturozo quem, como ele, pôde ter a certeza de que seu nome fluctuará, embalado na eterna rede cantante de meia duzia de versos impereciveis.

Com uma dorida saudade de quando eu, no balcão fantastico dos sonhos e das vigílias, aguardava, como tantos outros malogrados, o arrebol da gloria, que nunca ha de vir, — admiro Vicente de Carvalho, que, mais acarinhado pelo amor das muzas, tambem lhes poude ser mais fiel, e não teve de fechar, como eu fechei, a janela que dava para o trecho azul do ideal...

Silvio de Almeida.

D'O Estado de S. Paulo.





DISSERTEÇÕES

A «Roza, roza de amor...», com ser um poemeto de não mais de 60 paginas, inclusive as brancas, assumpto dera para o tresdobro de comentarios.

Ahi soube Vicente de Carvalho aliar a ouzadia do metro á lirica suavidade do veio tradicional; e, para comprovação desta ultima parte, eu citarei de prompto:

— O mesmo titulo da obra, a lembrar-nos os decasilabos celebres de Almeida Garrett:

«Roza, roza de amor, purpurea e bela,
Quem entre os golvos te esfolhou da campa?»

— A secção do «Caír das folhas»:

«Deixa-me, fonte!» Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

O tema deste dialogo, em que, aliás com menos felicidade, tambem se inspirou Gonçalves Dias, remonta á idade média, onde vamos achar a «altercação entre a agua do regato e a videira plantada á margem».

— O trecho da desiluzão:

Sou como a corça ferida
 Que vae, sedenta e arquejante,
 Gastando uns restos de vida
 Em busca da agua distante.

Tambem no cancionero medieval, o trovador Pero Meogo imaginou as seguintes palavras na bôca de uma rapariga:

«Tal vay o meu amigo
 con amor que lh'eu dey,
 como cervo ferido
 do monteyro del-rey.

.....
 E se el vay ferido,
 irá morrer al mar:
 'si fará meu amigo,
 se eu d'el non pensar.»

Esta comparação já foi feita; mas é sómente a fonte popular que explica a coincidência entre o poeta paulista e o quazi desconhecido monje da segunda metade do seculo treze.

— A encantadora pagina da «Primeira sombra», onde se nos depara «a inocente abuzão do «malmequer», vestigio ainda vulgar dos antigos processos dos oráculos, que sondavam o futuro».

As tradições portuguezas conservaram a quadra:

Mal-me-queres, bem-me-queres
 Tenho eu no meu jardim;
 Bem-me-queres já acabou,
 Mal-me-queres não tem fim.

Como observa Leite de Vasconcellos, dahi tirou a alma simples e dorida de Correia de Oliveira os delicados tercetos do seu «Alivio de tristes»:

«E a Estrela disse então: «Linda donzela,
Que estás no teu jardim, a desfolhar
Um mal-me-quer, que sonhas?...» E diz ela,

Mas vagamente, como que a scismar:
«Bem-me-quer, mal-me-quer...» E vão voando
As folhas, uma a uma, pelo ar...

«Bem-me-quer, mal-me-quer»: eis que cifrando
Se vai aqui a ancla incompreendida
Daquelles que vão sonhando, e vão amando».

Por uma scena do «Fausto», de Goethe, se vê que perdura na Alemanha tambem esse costume de pedir á mesma flôr o segredo do futuro ou da reciprocidade de um affecto.

Em França, emprega-se, com identico proposito de amor, a especie das «margaritas», nome do livro de versos que D. Adelina Lopes Vieira publicou em 1878, com um prefacio de Thomaz Ribeiro. Das poucas palavras em proza que a autora insculpiu no portico de sua obra, peço venia para transcrever este pedacinho, que bem vale a attenção dos leitores:

«Flôres singelas, companheiras do cardo e do tojo, vivem em terrenos sem cultura e morrem ignoradas... Esmagam-se indiferentemente, ou arrancam-se-lhes as brancas petalas uma a uma, para ouvir a resposta a um dezejo secreto, beijando ou arremessando para longe a corola desguarneçada, seguindo o fraculo nes foi de esperanza ou desengano.

Falta-me agora, para completar este estudo comparado, transcrever, sem sacrilega mutilação, o trecho de Vicente de Carvalho:

-- Mal-me-quer... bem-me-quer...

— Será preêzo

Que uma flor assegure o que digo e tu vês?
O meu olhar, pouzando em teu sorriso,
Mostra-te que és amada e adivinha que o erês.

— Mal-me-quer... bem-me-quer...

— E, comovida,

Tremes, como esperando uma sentença atroz...
Supões que espalhe a noite em nossa vida
A sombra de uma flor perpassando entre nós?

— Mal-me-quer... mal-me-quer... Desde hontem, quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te ehorando:
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços,
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fugitivo de passos
Que te afastam de mim.

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beljo que ainda orvalha minha boea
Não é tua alma que me diz adeus.

A amoroza doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o amor — esse universo
Radiozo, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu eusetei-g
E segui-a, ditoza, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sercla
Que me atrahlste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Vae seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me delxes! Sercl a sombra que te siga,
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
Pouzada a fronte nos meus seios nús!

Que alegre madrugada côr de roza,
Ser amada por ti, claro sol que tu és!
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo
Veste acaso pouzar o vôo no meu seio,
Não me deixes! Eu quero ainda ouvir o gorgoleio
Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo!»

Depois de tal leitura, compreendemos como é que a poesia pôde estar por toda a parte; e que o que falta ás vezes é quem a sinta e a saiba traduzir de um modo aprimorado. Se, como conceituava o velhissimo Salomão, ou alguém por elle, nada ha novo debaixo do sol, cumpre tambem reconhecer que não ha assumpto gasto para o talento, que tudo fecunda. Nem a fina, a selecta espiritualidade de Correia de Oliveira conseguiu bordar sobre o tema do mal-mequer uma obra admiravel como esta de Vicente de Carvalho!

Neste lamento lirico, ha, de facto, um pequenino drama, cujos personagens são os dois amantes e uma flôr; mas a peça termina pelo monologo, em que a protagonista, impetuoza e ardente, oscila entre os impulsos do ciúme e da paixão. As suas frases, consoante uma observação já alhures expressa, parecem medir-se pelos movimentos irregulares de uma respiração agitada, de maneira que o metro poetico obedece sempre a uma razão de ordem psicologica.

Nestas estrofes, verdadeiramente «redondas»,

misturam-se decasilabos e dodecasilabos, ora alternados, ora em séries, mas sempre com a varia simetria ajustada ao ritmo do pensamento. Única excepção existe para o — «Que te afastam de mim» — alexandrino que o poeta, a fim de exprimir o estado de um coração partido, reduziu á melade, por um golpe de mestre, com um grande e raro efeito de estilo; pois aquele hemistichio lascado, ou aquela ponta de verso, nos sugere a impressão de subita parada, ou de um pedaço de lamina que lá ficasse a tremer sobre um peito em sangue... Assim tambem se conta, nos compendios de poetica, que o choliambo foi introduzido por Hiponax, quando, querendo este apodar com veemencia os seus inimigos, intencionalmente quebrou a medida do jambico até então uzado.

Se o vocabulario imitativo facilmente se encontra nos lexicons, a onomatopéa da fraze, o simbolismo dos seus saltos e boleios, pertence aos acrobatas da elocução, aos que se exercitaram na gymnastica difficil da syntaxe da lingua.

Um Boileau é que póde caracterizar a «moleza» deste modo magistral:

«Soudre, étend les bras, ferme l'oeil et s'endort.»

Só um amavel João La Fontaine indica assim tão perfeitamente os passos de uma garça real (mais ou menos semelhante ao nosso «urubú malandro»):

«Un jour sur ses longs pieds allait je ne sais où
Le héron au long bec emmanché d'un long cou.»

E (sem querer mais saír da nossa lingua, nem da nossa terra), é preciso ser um Raymundo Corrêa, para fazer com brilho a descripção de um enterramento, onde

«Cada pá de terra, a' detonar, retumba
Da tumba sobre a tampa:»

ou para fazer-nos «sentir» o rodar de uma sege, que vai indo...

«Morosa, pela estrada, aos solavancos, lenta.

Também Gustavo Teixeira, no seu precioso «Ementario», nos fornece a lindissima pintura:

«Um ganso, que se retrata
No placido ancoradouro,
Quebra-lhe o espelho de prata
Com os remos d'outra.»

E o mesmo Vicente de Carvalho, nas «Fantazias do luar»:

«Assim, de um ermo barranco,
A garça alonga no rio
O seu vulto, muito branco,
Muito esgulo.»

Uma miniatura como esta, perfeita e impressionante, alcançada só com duas pinceladas, é quanto basta para atestar-nos a arte maravilhosa dos grandes mestres, a contar desde Homero.

Empregando, na passagem dos «mal-me-querer», rimas graves e agudas, o nosso poeta, com fino gosto, reservou as ultimas para fecho de cada estrofe: e, como também escolheu para todos os finais palavras curtas, desperta-nos o écho de animadas imprecções arquejantes.

Segundo uma nota de Barthez, exprime-se ao vivo uma descida precipitada com o emprego de vocabulos que sucessivamente diminuem, até acabarem por um vibrante monosilabo, que seja como a re-

percussão do baque da mesma quéda; e assim o fez o latino, representando o rolar de um boi no chão:

«Procumbit humi bos».

Ainda no referido passo, e a partir do:

«Que alegre madrugada côr de roza».

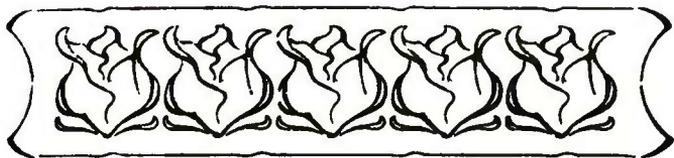
a que as vozes claras e bem combinadas — «é, «á», «ó» —, emprestam sugestivo tom colorido, percebemos que a protagonista a pouco e pouco se acalma e se penetra de outras imagens mais rizonhas, como aquela, graciosa, do gorgueio do beijo, poizado no seio dela como um passaro num ramo... E, para significar que o peito já se lhe expande em vigorozos haustos, recorre Vicente de Carvalho a uma série não interrompida de seis alentados alexandrinos, terminando pela efuzão: «Eu te amo!», do unico verso paroxitono com que ele acertou de quebrar a simetria dos seus finais sempre agudos.

Deixo de lado, pela escassez do espaço e do tempo, belezas como a da observação psicologica: — «Beijas-me ainda, e já não sou feliz»; e a do verso aliterado: «E segui-a, ditoza, a sorrir e a sonhar...»

Como comprehendia Miguel Angelo, a perfeição resulta de todas essas pequenas coizas, que o artista procura com a inteira dedicação de sua alma; ao passo que o grosso do publico, sentindo o extaze, não lhe define as condições, porque não pôde penetrar nos minimos segredos que só pertencem ao talento esforçado.

Silcio de Almeida.

D'O Estado de S. Paulo.



BEMDITA ARTE!

Longe do borborinho das cidades, num doce canto cujo silencio só o rumor das aguas cantantes e a alegria turbulenta das cigarras perturbem, é que se deve folhear um livro de versos, como o de Vicente de Carvalho. Os livros variam de valor conforme os lugares em que a gente os manuzeia. Faz-se ás vezes uma idéa errada sobre o merito de tal escripto porque não soubemos escolher o sitio e a hora mais adequados á leitura. No gabinete de trabalho de nossa casa, sentindo em baixo das janelas o tumultuar da onda impulsionada pela avidez dos negocios, o espirito estudioso move-se com prazer na analize de um problema social, no estudo de uma questáo economica, no julgamento de uma controversia politica. O contacto diario com uma população agitada pelas preocupações da vida, alarmada pela pressa do exito, sem tempo para se ocupar em leituras que não se liguem de qualquer modo ás necessidades da época, vai-nos insensivelmente deshabituaudo de certas obras. Não se pôde, afinal de contas, rezistir á influencia do meio.

Na cidade, entre almas que vibram constantemente nas energias da ação, sofre-se, sem se dar por isso, contágio dessa combatividade, adquire-se, não direi bem o gosto, mas a tendência utilitaria, e quando á noite percorremos os olhos pela estante, procurando o livro que ha de ocupar o nosso serão intellectual, é entre os que tratam de assumptos da época, os que mais ou menos directamente se referem ás questões que andam no ar, que fórmam o ambiente dos espiritos trabalhados pelas inquietações da vida pratica, cada vez mais impetuoza e empolgante, que se faz naturalmente a escolha. Já a grande maioria troca pelas revistas os volumes, porque aquelas, no dever de reflectir as idéas, os interesses, as agitações do momento, condensam os debates, expõem abreviadamente os factos, esclarecem, numa analize rapida e inciziva, os assumptos.

Facilmente se comprehende como em dias tão despiritualizados como os que correm, preenchidos por uma desenfreada, vertiginosa aspiração de lucros, o idealismo literario rapidamente ficou fóra da moda. O jornalismo é bem um reflexo dessa disposição moral, com a eliminação dos contos, das cronicas, das poezias, de tudo que trescala — os gerentes das folhas dirão que trezanda — ás graças, ás elegancias das belas letras. Por isso eu digo que os livros de versos só se pôdem hoje saborear em toda a sua inefavel doçura fóra das metropoles barulhentas, nos lugares de solidão, á beira da agua ou num recanto emaranhado de arvoredos. Ahi, pouco a pouco, o espirito liberto da pressão dos interesses materiaes, fóra da atmosfera anciada dos negocios, repouzado das intrigas, das especulações, do surdo fragor dos homens

pela conquista do bem estar, volta a perceber o gozo das idéas amáveis, dos rítmos graciosos, das nobres emoções estéticas. E' então que as folhas de um livro como o «Poemas e Canções», de Vicente de Carvalho, se voltam da primeira á ultima, num requintado encanto, tal a ternura dessa lirica, a delicadeza desses madrigaes, o perfume dessas eglogas, a emoção desses hinos, a sonoridade desses versos, que sabem ser com igual poder comunicativos, alegres, voluptuosos, maguados, de uma doçura idilica e de uma estridencia épica...

Se pensais em fugir por algum tempo á fornalha que é o Rio, com perdão do sr. Manoel Bernardez, nestes dias causticos de verão, não vos esqueçais de meter na mala, para as viagens deleitozas do campo, este livro encantador. E vereis que nesses momentos Apollo faz esquecer Mercurio.



Vicente de Carvalho tem na verdade uma alma exuberante, harmonioza, contemplativa de poeta. Esta idéa de seu genio, dar-vol-a-á logo a leitura da sua obra, cuja sinceridade seduz e faz do leitor indifferente um amigo carinhozo. O que nos desagrada, na maioria dos poetas, é o artificio, a mascara, a deturpação dos sentimentos. A fórma torturada no verso, as complicações da metrica, os ineditismos de vocabulario, como as exoticas innovações de ritmo, tiram á poezia o seu encanto, que está todo na espontaneidade, no viço, na profundeza da emoção. A arte de Vicente de Carvalho não é maculada por esse vicio. Não a podemos dezejar mais natural, mais limpida

e, por isso mesmo, mais sensibilizadora. A impressão que se tem, depois de lér os versos admiráveis, tão perturbadores na sua melancolia, tão penetrantes de meiguice, tão repassados de dôr, tão febris de paixão, do «Velho Tema», das «Sugestões do Crepusculo», do «Pequenino morto», da «Roza, Roza de Amor...», é da intensidade do sentimento, da realidade profunda do que quer exprimir, da intensa, da absoluta revelação da sua alma nessas joias literarias de impeccavel cinzeladura.

Elle pertence ao numero raro dos artistas que não sabem ou não pódem rezervar-se ante o publico, que no livro, como na tribuna, como no palco, se mostram expansivamente, como são, felizes de vêr que o seu entusiasmo, as suas revoltas, os seus desesperos, as delicadezas da sua dôr, as graças da sua ironia, as ancias do coração enamorado vibram em outros séres, entecem outras sensibilidades, encantam outras inteligencias. A sinceridade transbordante é contraria aos torneios complicados da fórma, ás nebulozidades do simbolismo, ás audacias, scepticas, da decadencia. Todos o pódem lér e quem o lér ha de amal-o pelo frescor da emoção, pelo culto da natureza, pela simplicidade fascinadora do lirismo.

Este livro retrata-o. Imaginais, ao terminar o ultimo verso, um homem amorozo, meigo, de impetos nobres, triste pelo sofrimento que domina e envolve a terra, amando a solidão, os gozos do pensamento livre, fugindo das iluzões e do enfado de certos convivios humanos para o socego das matas e para o esplendor das marinhas, descrendo, num doce filozofar, do poder da Vontade sobre as determinações do Destino, vendo no amor a suprema consolação da

vida. Raramente a figura que imaginamos do poeta que nos comoveu corresponde á realidade da criatura. As admirações literarias estragam-se quazi sempre ao contacto dos grandes homens, tão diferentes do ideal que formavamos. Do autor dos «Poemas e Canções» podeis, porém, aproximar-vos sem receio da decepção amarga. Ele é na verdade o que supunheis, o que delineastes, através a sua arte tão gentil, tão ardente, tão piedosa.

Na Carta a V. S., desculpando-se pela falta de resposta a algumas epistolas, ele expõe, em versos de humorismo delicioso, a realidade de seu genio contemplativo, melancolico, eufetizado perenemente pelas seduções da natureza, desdenhando a miudo todos os delcites da civilização enganadora pela liberdade das florestas e pela camaradagem alegre com o oceano. Em muitos poetas esse panteismo é mentirozo. Nada os atráe tanto como a cidade, como a tagarelagem dos cafés, como a maledicencia das ruas, como os esplendores dos salões iluminados, o rumor alacre das festas, os elogios dos jornaes, os decotes das damas embevecidas pela finura dos sonetos que rendem hino ao amor. Este poeta não. E' indifferente a essas fascinações mundanas.

As necessidades da vida obrigavam-no, no tempo em que morei na sua querida cidade natal, a mourejar no fóro, a redigir esplendidamente jornaes. Mas, assim que podia, a sua alma «como um passaro captivo» escapava da civilização «como de uma gaiola». Internava-se nas matas, jovialmente, a ouvir num extaze os canticos de louvor que na sua trilada liturgia as aves atiram para o céu. As maiores ausencias eram, porém, nas praias. As noites que por lá

ficava, nos encantamentos da pesca sob o silencio dos céus entuarados! E ninguem o excedia em bondade, em doçura, em carinhos com as almas sofredoras.

Não ha como a intimidade da natureza para fazer os homens affectivos e generozos. Quem como Vicente de Carvalho percebe a ternura do mar, quem sente tão profundamente os seus desmaios, os seus impetos, os seus arrancos, as suas lutas, os seus mysterios, possui um coração vibratil a todas as dôres, entende as angustias de todas as iluzões, tem para todos os peccados o balsamo de uma indulgencia e para todos os infortunios a comunhão de uma lagrima.



Este contemplativo, meus senhores, dispõe, porém, quando quer, de um extraordinario poder de ação. E' exacto que poucas vezes ele exerce essa força, mas quando se resolve a tental-a não ha quem não se maravilhe com a destreza do lutador. Se se resolve a fazer jornal, faz época nos anaes da imprensa. E' um articulista primorozo, que alia á ponderação dos conceitos o vigor da fraze e uma graça incomparavel de critica. O positivismo um dia dominou-o. Sincero em tudo, fiel ás injunções do pensamento, afastou-se da imprensa como de um caminho errado. Fez a sua profissão de fé. Não se soube por muito tempo das occupações intellectuaes do poeta, sequestrado pela tiranica disciplina de Comte. De repente, em 1901, Vicente de Carvalho, que se tornára lavrador, rompe pela imprensa de S. Paulo a sua famoza campanha pela valorização do café eliminando-se pela

queima 20 por cento da safra anunciada e destruindo das duas que se lhe seguissem a percentagem que representasse o excesso da produção sobre o consumo.

Esta idéa foi sustentada em artigos admiráveis, pelo vasto conhecimento do assumpto e pela logica esmagadora da argumentação. Do efeito que esse estudo produziu deu testemunho a representação subscripta por por um numero enorme de fazendeiros, os mais conceituados dos diversos municipios, pedindo ao Congresso do Estado a adopção dessa medida. Não se executou então esse alvitre. Ha mezes, um senador de S. Paulo, o sr. Luiz Piza, propunha a incineração de quatro milhões de sacas do stock do governo do Estado e o sr. Calogeras, ha dias, na Camara Federal, mostrava as vantagens de se proceder a um auto de fé de toda essa formidavel massa de mercadoria empilhada para se vender quando o mundo sentir a falta de café. O autor de madrigaes côr de roza, de elegias crepusculares, de poemas dolorozos pensou e discutiu como um audaz reformador economico.

O poeta é quem naquele tempo estava com o bom senso comercial, contra a aluvião de profissionaes que entreviam para um futuro proximo a reabilitação do producto, já então extremamente depreciado. Eis como no mesmo espirito a vizão pratica dos negocios se junta ao gosto das chimeras muzicalmente rimadas. Lembra Euclides Cunha no seu prefacio tão original que, ante as belezas das montanhas da Suissa e dos vales jocundos da Italia amavel, se levanta sempre, hirto, um ponto de admiração, que é o «touriste» inglez. Vicente de Carvalho, que hoje nos eleva como o mais emocional dos lyricos,

hontem doutrinava como o gerente experimentado de uma empresa industrial britânica. Tal é o autor deste livro primorozo.



Lêde-o devagar, no campo, á sombra de arvores amigas, escutando as loucas cigarras em festa, vendo as borboletas em vôos de esponsais sob a pompa do sol de verão. Se a sua alma é triste, essa amargura não vos desconsola, não vos irrita, não se desata em imprecações contra a inexorabilidade do Destino. A sua tristeza é calma, é doce, é composta de uma serena resignação e de uma benevolencia quasi evangelica pelas fraquezas dos mortaes.

A vida para ele é uma pena que só a leve esperança disfarça. sonho de hora feliz sempre aliado porque a ventura

...está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Como a sua indole é panteista, a adoração da natureza consola-o dos sofrimentos do mundo. E como a sua alma transborda de amor, como vive eternamente namorado da Graça e da Beleza que Deus espargiu na criação, se o seu pensamento é melancolico, as expansões da sua arte deslumbram pelo fervor, ou ellas cantem a gloria do mar, a sumptuosidade das florestas, o encanto da solidão, a delicia da luz e dos aromas, ou celebrem as seduções do Feminismo, o poder imortal dos olhos da mulher, a profunda, a misterioza, a suprema ventura dos pri-

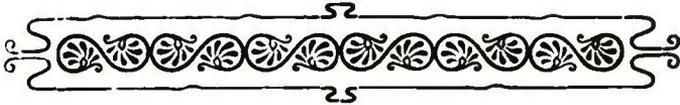
meiros beijos... Lêde-o em toda a sua obra: quer nas composições idílicas, quer nos poemas agitados de um sopro dramático, de uma paixão de venturas e de uma energia heroica, o seu genio mostra-se sempre aureolado de bondade. E' uma alma com que faz bem conviver. A poesia dos novos desalenta e entristece. A de Vicente de Carvalho pacifica e fortalece. Lêde-o e dizei-me depois se é possível resistir á necessidade de o amar...

Eduardo Salomonde.

D'A Tribuna.



INDICE



INDICE

	PAG.
Antes dos versos	I
Velho tema	3
Fantazias do luar	13
A invenção do Diabo	21
Fugindo ao captivo	27
Cantigas praianas	53
Pequenino morto	65
Palavras ao mar	73
Sonho póstumo	81
Carta a V. S.	97
Sugestões do Crepusculo	107
Folha solta	117
A partida da Monção	121
Uma impressão de D. Juan	137
A ternura do mar	141
Roza, roza de amor:	
<i>Olhos verdes</i>	149
<i>Manhã de sol</i>	151
<i>Horas de amor</i>	155
<i>Primeira sombra .</i>	159
<i>Cair das folhas</i>	163
<i>Desiludida</i>	165
<i>Saudade</i>	167
<i>Serenata</i>	169
<i>O dia seguinte do amor</i>	171
<i>Ultima confidencia</i>	181
Notas	185
Appendice	201

Liivraria Chardron

De LELLO e Irmão

* * RUA DAS CARMELITAS, 144 - PORTO * *

GARCIA REDONDO

Salada de frutas	500
Atraves da Europa	600
Cara alegre	no preço
Conferencias	no preço

COELHO NETTO

Ephyra	600
Sertão,	600
Agua de Juventude	700
A Bico de pena	500
Romanceiro	500
Jardim das Oliveiras	500
Theatro, 1.º vol.	no preço
Theatro, 2.º vol.	400
Quadrante (theatro)	500
Fabulario	500
Miragem romance, 1.º vol.	600
Apologos	no preço
Fé	no preço
Mysterio de Natal	no preço

JOÃO GRAVE

Os fantasmas	500
A eterna mentira	600
O ultimo fauno	500
O Passado	no preço

SHAKESPEARE

Sonho d'uma noite de S.	
João, 1.º vol.	600
Rei Lear, 1.º vol.	400
Roméo e Julieta, 1.º vol.	no preço
Hamlet	no preço
Othello	no preço

OSCAR LOPES

Confidencias, 1.º vol.	no preço
--------------------------------	----------

MANOEL DE SOUZA PINTO

Terra Moça	no preço
--------------------	----------

SOUZA BANDEIRA

Peregrinações	no preço
-----------------------	----------

PINTO DA ROCHA

Talhã	600
---------------	-----

JOSÉ ESTEVÃO

Discursos	no preço
-------------------	----------

CARMEN DOLORES

Ao evocar da ideia	no preço
Alma complexa	no preço

IHERING

Liçta pelo direito	no
----------------------------	----

THOMAZ LOPES

Payments d'Empenho	no
Cyano litico	no

TAVARES BASTOS

Instituições juridicas na Re- publica	no
--	----

JOÃO DO RIO

Onomatographo	no
Trilico City	no

BENTO CARQUEJA

O Capitalismo Moderno e seus Origens em Portugal, 1.º vol. obra	no
O Futuro de Portugal, 1. volume	no

EUCLYDES DA CUNHA

A margem da historia, 1. volume	no
--	----

SYLVIO ROBERO

Discursos, 1.º vol.	no
Martins Penna, 1.º vol.	no
America latina, 1.º vol.	no
Discursos e debates, 1.º vol.	no

LUIZ MURAT

União, 1.º vol.	no
-------------------------	----

VICENTE DE CARVALHO

Verões da Mocidade	no
----------------------------	----

THOMAZ DA FONSECA

Os Inveniencias (versos)	no
----------------------------------	----

TUOÉ DE SOUZA

A Sefra do Guez, 1.º vol.	no
-----------------------------------	----

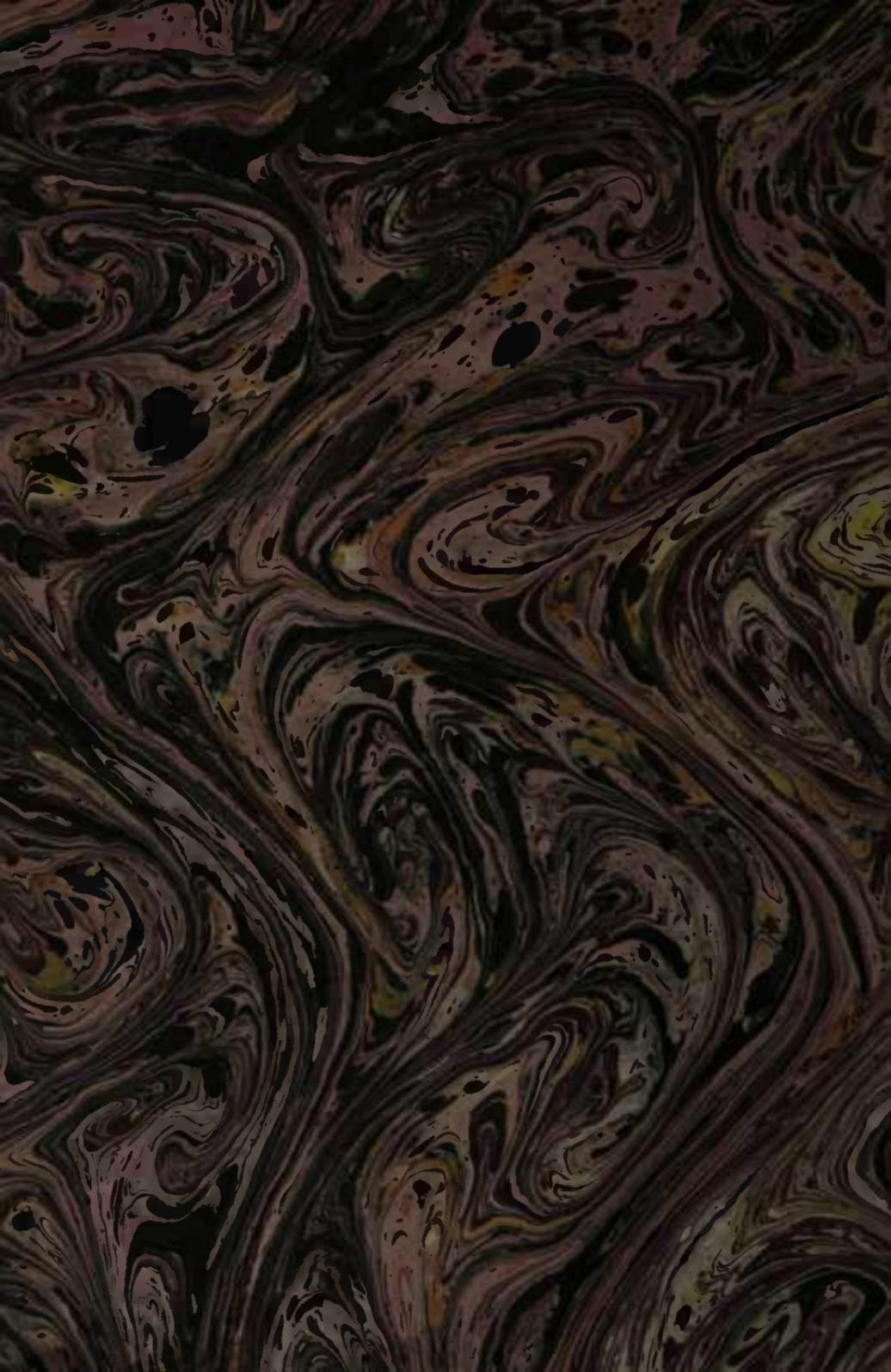
MANOEL DA SILVA GAY

Torturados romances	no
-----------------------------	----

ALCIDES MAIA

Humza	no
---------------	----

Envia-se gratis o CATALOGO GERAL a quem o requisitar







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).